

# HISTÓRIA

**3ª SÉRIE**  
DO ENSINO MÉDIO

**VOL. 1**





# HISTÓRIA

**3<sup>a</sup> SÉRIE**  
DO ENSINO MÉDIO

**VOL. 1**



# ORGANIZAÇÃO

## GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

**HELDER ZAHLUTH BARBALHO**  
GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ

**HANA GHASSAN TUMA**  
VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DO PARÁ

**RICARDO NASSER SEFER**  
SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO - SEDUC

**JÚLIO CÉSAR MEIRELES DE FREITAS**  
SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA - SAEB

**RAIMUNDO CORREA DE OLIVEIRA**  
DIRETOR DE FORMAÇÃO - DIFOR

**DIONÍSIO JOSÉ DA COSTA SÁ**  
COORDENADOR DE FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DO  
MAGISTÉRIO

**LILIAN CELINA GUEDES DE ASCUI**  
COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

## EQUIPE DE ELABORAÇÃO

**Júlio César Meireles de Freitas**  
COORDENADOR GERAL

**Raimundo Correa de Oliveira**  
COORDENADOR DE PRODUÇÃO

**Dionísio José da Costa Sá**  
COORDENADOR DE ELABORAÇÃO

**Silvanev Fonseca Ferreira Seabra**  
COORDENADORA DE REVISÃO

**Cláudia Regina Bezerra Ferreira**  
COORDENADORA DE APOIO INSTITUCIONAL

**Artur Alves Pinheiro**  
DESIGNER

**Henok Golvim da Silva**  
DIAGRAMAÇÃO

## ELABORADORES

**Edilson Mateus Costa da Silva**  
PROFESSOR FORMADOR DA DIFOR

**Liliane do Socorro Cavalcante Goudinho**  
PROFESSORA FORMADORA DA DRE BELÉM 2

**Rui Jorge Moraes Martins Júnior**  
PROFESSOR FORMADOR DA DRE BELÉM 4

## SUMÁRIO

<b>SEMANAS 1</b>	<b>9</b>
<b>SEMANAS 2</b>	<b>14</b>
<b>SEMANAS 3</b>	<b>20</b>
<b>SEMANAS 4</b>	<b>26</b>
<b>SEMANAS 5</b>	<b>32</b>
<b>SEMANAS 6</b>	<b>36</b>
<b>SEMANAS 7</b>	<b>42</b>
<b>SEMANAS 8</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>56</b>



# APRESENTAÇÃO

## PREZADOS PROFESSORES,

Este Caderno, Professor(a), foi pensado para seus alunos(as), como estudantes da 3ª série do Ensino Médio, da Educação Básica do Estado do Pará. Como tal, o material foi escrito de forma que você pudesse oportunamente: (1) mobilizar os saberes do seu componente curricular e/ou da sua área, por meio de habilidades apontadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC); (2) acionar, por meio dos descritores de Língua Portuguesa e/ou de Matemática, habilidades de leitura e do pensamento Lógico-Matemático necessários à compreensão do componente História e, não menos importante, (3) garantir os direitos de aprendizagem dos(as) alunos (as) ao longo de suas trajetórias educacionais. O Caderno de História segue o mesmo padrão dos demais Cadernos: para cada Semana de aula proposta, vem um Resumo Teórico; em seguida 6 questões/itens, construídas sob a intencionalidade de itens e à semelhança do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). São ao todo 48 questões/itens criados(as) na sua maioria; ou, adaptadas de seu uso primeiro; logo depois, vem a Correção/Análise, em que consta o Gabarito com os Comentários dessas questões/itens e seus distratores, explicados de forma que você apresente aos alunos/alunas o porquê de cada resposta ser ou não ser o gabarito.

Ao longo do Volume 1, a disciplina de História irá trabalhar a compreensão da História como um conhecimento em constante construção, que depende das perguntas feitas no presente e da análise crítica das fontes. Os alunos estudarão a ampliação do conceito de fonte histórica, superando a valorização exclusiva da escrita e reconhecendo a importância das fontes orais, da cultura material e dos saberes de diferentes povos. Serão discutidas as críticas ao eurocentrismo, à noção de Pré-História e à periodização tradicional, valorizando sociedades indígenas, africanas e outras populações historicamente silenciadas. A Modernidade, o Iluminismo e a Revolução Francesa serão analisados de forma crítica, destacando tanto seus avanços quanto suas contradições, especialmente no que diz respeito à cidadania, aos direitos e às exclusões sociais e de gênero. O material também abordará a formação do capitalismo, a colonização, a escravidão e o tráfico transatlântico como processos centrais da história mundial, marcados por violência, exploração e racialização. Além disso, serão estudados o Imperialismo, a construção do Estado-Nação e as transformações do espaço urbano e social. Por fim, a história da Amazônia será tratada como parte das dinâmicas globais, enfatizando o protagonismo indígena, a construção de imaginários europeus e as permanências das desigualdades. De modo geral, os conteúdos buscam desenvolver uma visão crítica, plural e contextualizada da História, relacionando passado e presente. Sugerimos ainda que o momento das respostas dadas pelos estudantes seja tomado como um momento ímpar de aprendizagem, diante dos distratores que revelam compreensões para respostas não adequadas. O material ainda traz uma Tabela em que você encontra a unidade temática de área/componente, sugestão de objeto de conhecimento e habilidade da BNCC, alinhadamente para cada semana.

Como as intencionalidades deste Caderno são o de recompor aprendizagens, com vistas à melhoria dos níveis paraenses atuais do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), também estarão no Caderno os Descritores Prioritários ora de Língua Portuguesa, ora de Matemática, como ferramentas a serviço da compreensão das questões de História. Dessa forma, os Descritores Prioritários estão a serviço da resolução do Comando das questões/itens de Ciências. Não se trata de dar aula dos Descritores; trata-se de resolver as questões à luz deles, utilizando-os, referendando-os, acionando-os para a resolução, mobilizando para isso os saberes de Ciências que oportunamente estarão sendo trabalhados na 3ª série do Ensino Médio.

Observe, caro(a) professor(a), que o ponto de partida para a utilização pedagógica deste caderno, é a identificação no seu plano de aula da habilidade que se pretende alcançar, e por via de consequência da expectativa de aprendizagem que essa habilidade aponta. Estamos diante, portanto, de um novo paradigma de ensino, no qual o conteúdo e/ou o objeto do conhecimento não representa um fim em si, mas um meio para se alcançar as habilidades e as competências gerais apontadas na BNCC.

A apropriação dos conceitos e dos métodos de cada um dos componentes curriculares ou de cada Área de Ensino deve estar a serviço de uma aprendizagem que possibilite aos estudantes ampliar suas possibilidades de compreensão do mundo e sua participação efetiva neste processo. Dessa forma, mobiliza assim o saber científico como condição de cidadania, e não como prerrogativa de especialistas. Esta proposta pedagógica não elimina a necessidade de se estudar o conteúdo científico, uma vez que não se desenvolvem competências sem o mobilizar. Todavia, conforme a nova proposta, o planejamento das atividades pedagógicas estará menos centrado na extensão dos conteúdos e mais voltado para as competências cuja aquisição se quer promover, pressupondo muita clareza na intencionalidade do ensinar.



## SEMANA 01:

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Fontes históricas	<ul style="list-style-type: none"><li>● Fontes históricas: diversidade e silenciamentos.</li><li>● Fontes escritas e fontes orais.</li></ul>	Habilidade da BNCC de Ciências Humanas: (EM13CHS102) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e processos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, identificando resistências e transformações e avaliando criticamente conflitos e desigualdades sociais.

### Resumo teórico

A História não é simplesmente o registro do passado; ela é uma construção intelectual que se transforma continuamente. O passado em si é imutável, os eventos ocorreram e não podem ser alterados, mas o conhecimento histórico sobre esses eventos está sempre em movimento. Cada geração de historiadores lança um novo olhar sobre o passado, formulando perguntas diferentes, utilizando métodos inovadores e descobrindo novas fontes. Marc Bloch, um dos grandes historiadores do século XX, ressalta que a História não é uma “ciência de museu”, cujo papel se limita a catalogar documentos e preservá-los. Pelo contrário, a História é dinâmica: sua função central é interpretar, reconstituir e compreender os acontecimentos em contextos específicos, reconhecendo que a leitura do passado depende do presente em que se encontra o historiador. Esse caráter dinâmico da História implica que nenhum documento histórico é definitivo por si só. O historiador não atua como uma máquina que apenas lê fatos imutáveis; ele deve analisar criticamente cada fonte, considerando o contexto social, político e cultural em que foi produzida, bem como os possíveis silenciamentos e interesses que moldaram seu conteúdo. Jacques Le Goff utiliza a expressão “documento-monumento” para ilustrar essa ideia: cada registro histórico, seja um texto, uma pintura, um mapa ou um registro oficial, é uma construção social e simbólica, resultado de escolhas conscientes ou inconscientes da sociedade que o produziu. Os documentos revelam tanto o que uma comunidade desejava registrar e transmitir quanto aquilo que deliberadamente silenciou ou omitiu. Por isso, compreender a História exige uma leitura crítica que vá além da superfície, identificando o poder, as relações sociais e as representações de si mesmas que diferentes sociedades desejavam perpetuar.

O estudo das fontes históricas também avançou ao longo do tempo. Tradicionalmente, a historiografia valorizava sobretudo as fontes escritas, como registros oficiais, cartas, diários e jornais. No entanto, no século XX, correntes historiográficas como a Escola dos Annales e a chamada “Nova História” ampliaram significativamente esse conceito, incluindo fontes imateriais ou orais: memórias, relatos de vida, gestos, tradições e práticas culturais. Alessandro Portelli destaca que as fontes orais não são “encontradas” prontas; elas são criadas tanto pelo historiador, quanto pelo narrador. Esse processo permite acessar não somente o que as pessoas fizeram, mas também como interpretam suas ações, o que desejavam realizar e como lembram desses eventos, oferecendo uma perspectiva singular sobre o cotidiano, a mentalidade e a experiência de diferentes grupos sociais. Essa ampliação do conceito de fontes está diretamente ligada à compreensão da História como um saber situado, isto é, condicionado pelo contexto histórico, social e institucional em que é produzido.

O historiador não aborda um ponto neutro, capaz de observar o passado “de fora”; ele está inserido em seu próprio tempo, com suas questões, interesses e valores. Essa consciência leva à valorização da pluralidade de vozes e experiências, incluindo aquelas que foram historicamente silenciadas, como as de trabalhadores, mulheres, populações colonizadas e minorias culturais. Ao mesmo tempo, permite entender que a História não se limita a fatos e datas, mas também envolve interpretações, significados e subjetividades, refletindo a complexidade das sociedades humanas.

Em suma, a prática historiográfica contemporânea combina crítica das fontes, sensibilidade para as perspectivas múltiplas e atenção aos silenciamentos, reconhecendo que a compreensão do passado depende das perguntas feitas pelo presente. O conhecimento histórico é, portanto, uma construção contínua, marcada pela interação entre documentos, memórias e contextos, que exige do historiador rigor analítico, sensibilidade interpretativa e consciência das relações de poder presentes em cada narrativa histórica.

### Questão 01:

**Descritor de Língua Portuguesa: D4** (Inferir uma informação implícita em um texto).

“O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa. Para quem duvidasse, bastaria lembrar o que, há pouco mais de um século, aconteceu sob nossos olhos. Imensos contingentes da humanidade saíram das brumas. O Egito e a Caldéia sacudiram suas mortalhas. As cidades da Ásia central revelaram suas línguas, que ninguém mais sabia falar, e suas religiões, há muito extintas”.

(BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Jorge Zahar, Editor Rio de Janeiro, 2002. p. 75).

Qual princípio fundamental da prática historiográfica é enfatizado no excerto acima?

- A) A função da história de catalogar e preservar as peças documentais, sem se envolver com a reinterpretação dos eventos históricos ao longo do tempo.
- B) O caráter estático e definitivo do conhecimento do passado, que se fixa no momento em que os documentos originais são descobertos e publicados.
- C) A primazia das fontes escritas originais, consideradas a única base segura para a objetividade total do conhecimento histórico, independentemente do contexto.
- D) A natureza dinâmica e reconstrutiva da História, na qual novas perguntas, fontes e métodos reconfiguram constantemente a compreensão do que já passou.
- E) A impossibilidade de se alcançar qualquer conhecimento factual sobre eventos pretéritos devido à subjetividade inevitável do historiador e à ausência de fontes.

**Gabarito: D**

**Comentário:**

A questão exige a identificação do princípio central da historiografia: a dinamicidade do conhecimento histórico. O aluno deve reconhecer que o conhecimento sobre o passado não é fixo, mas sim uma construção em constante aprimoramento e reinterpretação, que depende das perguntas feitas pelo presente e da descoberta de novas fontes e métodos. A alternativa D capta esse princípio fundamental ao afirmar que a História tem uma natureza dinâmica e reconstrutiva, onde a compreensão do passado é constantemente reconfigurada por novos elementos (perguntas, fontes e métodos). A alternativa A está incorreta porque o texto critica a ideia de que a História é apenas catalogação e preservação ("ciência de museu"), focando na necessidade de reinterpretação. A alternativa B está incorreta por defender o caráter estático e definitivo do conhecimento, o oposto do que o texto e a historiografia contemporânea propõem. A alternativa C está incorreta, pois, embora as fontes escritas sejam importantes, o foco do texto não é na primazia documental, mas sim no processo de interpretação e na validação das novas abordagens ("novas tecnologias de investigação"). A alternativa E está incorreta por desviar o foco do texto. O texto trata da mudança na interpretação do passado, não da sua impossibilidade factual.

### Questão 02:

**Descritor Língua Portuguesa D6** (identificar o tema de um texto).

“É certo que precisou haver um longo e complexo desenvolvimento historiográfico até que se chegasse ao momento em que, para além dos documentos e fontes concretizadas em papel ou qualquer outro material, fossem também admitidas as “fontes imateriais” como campos de evidências das quais poderia o historiador se valer. De todo modo, pode-se dizer que, na atualidade, não há praticamente limites para um historiador quanto às suas possibilidades de transformar qualquer coisa em fonte histórica. Um repertório de gestos, por exemplo, pode ser revelador de permanências do passado”.

(BARROS, J. D. Fontes históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. In: **Encontro Regional de História ANPUH-RJ – História e Parcerias**, 2019, Rio de Janeiro)

A superação das "fontes concretizadas em papel" e a valorização das "fontes imateriais" na historiografia contemporânea, conforme indicado no texto, estão diretamente associadas ao movimento de renovação metodológica que buscou:

- A) Retornar ao modelo positivista do século XIX, que defendia o documento escrito como a única prova irrefutável da existência do passado.

B) Adotar uma perspectiva econômica e política restrita, desconsiderando as experiências subjetivas e as práticas culturais da vida cotidiana.

C) Consolidar a História como uma ciência exata e inquestionável, eliminando a subjetividade do historiador na interpretação dos vestígios.

D) Engajar-se em uma abordagem cultural, interdisciplinar e social, que permite o estudo das classes subalternas e dos temas antes invisibilizados, como a mentalidade e as emoções.

E) Ignorar a História Oral, uma vez que a memória e os relatos pessoais são considerados subjetivos e não podem ser transformados em "evidências".

A) **Incorreta.** O Positivismo é o modelo que as "fontes concretizadas em papel" representam. A historiografia contemporânea (que inclui as fontes imateriais) surgiu em oposição a essa visão restrita. B) **Incorreta.** A Nova História, que promoveu essa virada, expandiu o campo para as experiências subjetivas e culturais (como os "gestos" mencionados), em contraste com o foco restrito em política e economia. C) **Incorreta.** A inclusão de fontes imateriais aumenta a complexidade e a necessidade da interpretação (subjetividade controlada), afastando a ideia de uma "ciência exata" para a História. D) **Correta.** A valorização das fontes imateriais e a possibilidade de "transformar qualquer coisa em fonte histórica" são características da Nova História Cultural e Social (como a Escola dos *Annales*). Essa abordagem permitiu estudar temas do cotidiano, classes subalternas e aspectos da vida antes ignorados (mentalidades, crenças, gestos), o que só é possível com a ampliação do conceito de "documento". E) **Incorreta.** A História Oral (baseada na memória) e a Etnografia (que estuda gestos e práticas) são métodos cruciais que se beneficiaram diretamente dessa abertura para as fontes imateriais.

### Questão 3

**Descritor Língua Portuguesa: D4** (Inferir uma informação implícita em um texto)

"O historiador não pode escamotear o lugar histórico e social de onde fala, e o lugar institucional onde o saber histórico se produz. Por isso, a História como metanarrativa, está em crise".

Fonte: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado, Bauru, SP: Uduisc, 2007, p. 61.

Essa perspectiva está associada, no debate historiográfico contemporâneo, à

A) defesa da História como ciência exata, capaz de produzir verdades universais e atemporais.

B) valorização das metanarrativas para garantir unidade e coerência à explicação histórica.

C) compreensão da História como um saber situado, condicionado por contextos e disputas sociais.

D) negação da possibilidade de produção de conhecimento histórico rigoroso e científico.

E) substituição da análise histórica pela memória individual como principal forma de interpretação do passado.

Na Questão 3, a alternativa C é a correta porque expressa a noção de que a História é um saber situado, produzido a partir de determinados contextos históricos, sociais e institucionais. O autor destaca que o historiador não fala de um lugar neutro ou exterior à História, mas está inserido em disputas e condições específicas de seu tempo. As alternativas A e B estão incorretas porque retomam a ideia de uma História científica neutra ou de metanarrativas totalizantes, justamente criticadas no texto. A alternativa D é errada porque o autor não nega a possibilidade de conhecimento histórico, mas questiona sua pretensa neutralidade absoluta. Já a E é incorreta, pois confunde a crítica à metanarrativa com a substituição da História pela memória individual, o que não é defendido no texto.

### Questão 4

**Descritor de Língua Portuguesa: D6** (Identificar o tema de um texto).

A metanarrativa se faz a partir de um sujeito de discurso que, a pretexto de falar do lugar da ciência, sobrevoaria a História e poderia falar de fora dela, ter uma visão global, de conjunto e não comprometida com os embates do momento."

Fonte: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado, Bauru, SP: Uduisc, 2007, p. 61.

Ao afirmar que a História como metanarrativa está em crise, o autor critica a ideia de um sujeito do discurso capaz de "sobrevoar" a História e falar de fora dela. Essa crítica está relacionada, no contexto das transformações do pensamento histórico, à

A) consolidação do positivismo histórico, que busca leis gerais para explicar o passado.

B) ampliação das abordagens pluralistas, que reconhecem múltiplas interpretações do processo histórico.

C) retomada da história factual, centrada nos grandes acontecimentos e personagens.

- D) defesa de uma narrativa única para evitar o relativismo histórico.  
E) rejeição completa da noção de ciência aplicada ao estudo da História.

Na Questão 4, a alternativa B é a correta, pois a crise das metanarrativas está relacionada ao reconhecimento da pluralidade de interpretações históricas, valorizando diferentes sujeitos, perspectivas e experiências históricas. Essa abordagem rompe com a ideia de um discurso único e totalizante sobre o passado. As alternativas A e C estão erradas porque remetem a modelos tradicionais de escrita da História, positivista ou factual, que pressupõem uma visão objetiva e global, criticada por Albuquerque. A alternativa D é incorreta porque defende a manutenção de uma narrativa única, contrariando diretamente a noção de crise das metanarrativas. Por fim, a E é errada porque o autor não rejeita a História como ciência, mas propõe uma ciência histórica consciente de seus limites, condicionantes e posicionamentos.

### Questão 5

**Descritor de Língua Portuguesa: D6** (Identificar o tema de um texto).

"Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não estão lá, esperando no arquivo ou na gaveta; é preciso que o pesquisador vá até elas, e que o narrador concorde em falar". (PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 10 e 21.)

A esse respeito, assinale a alternativa correta sobre a especificidade das fontes orais:

- A) As fontes orais são caracterizadas pela sua "cocriação", resultando da interação entre o pesquisador e o entrevistado, o que permite acessar a subjetividade, os desejos e as interpretações dos habitantes sobre as mudanças em seus bairros ou comunidades.  
B) A principal função da fonte oral é confirmar a veracidade dos documentos escritos, servindo como uma prova judiciária para corrigir erros de datas e nomes nos registros oficiais de urbanização.  
C) Por dependerem da memória, as fontes orais são consideradas cientificamente inválidas para o estudo de fluxos populacionais, devendo ser utilizadas apenas como ilustração literária em trabalhos acadêmicos.  
D) As fontes orais, diferentemente das escritas, são imunes às influências do presente, pois a memória do entrevistado preserva o passado intacto, sem alterações decorrentes do momento da entrevista.  
E) A "cocriação" mencionada pelo autor refere-se ao fato de o historiador inventar as falas do entrevistado para preencher lacunas na documentação escrita sobre a industrialização das cidades.

**Alternativa Correta: A**, pois o trecho destaca que a fonte oral não é um objeto estático "encontrado", mas algo construído na relação (diálogo) entre quem pergunta e quem responde. Isso permite captar a dimensão subjetiva ("o que acreditava estar fazendo"), essencial para entender como as pessoas vivenciam e significam as transformações urbanas e os fluxos migratórios. **B: Incorreta**, pois a História Oral não serve apenas para checagem factual de documentos escritos, mas possui valor autônomo focado na experiência e significado. **C: Incorreta**, pois a subjetividade não invalida a cientificidade; a memória é uma fonte legítima para compreender as mentalidades e a cultura, sendo amplamente aceita na academia. **D: Incorreta**, pois a memória é sempre reconstruída a partir do presente; o "agora pensa que fez" indica que o presente influencia a narrativa do passado. **E: Incorreta**, pois "cocriação" não significa invenção ou ficção por parte do historiador, mas sim que o documento (o depoimento gravado) nasce do encontro e das perguntas formuladas pelo pesquisador.

### Questão 06:

**Descritor Língua Portuguesa: D4** (Inferir uma informação implícita em um texto)

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. (LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 538.)

O historiador deve considerar a advertência de Jacques Le Goff sobre a natureza "monumental" do documento. Devemos, portanto, considerar que

- A) Os documentos escritos oficiais são fontes objetivas e neutras, por registrarem os fatos, exatamente como ocorreram, permitindo uma reconstrução fiel e imparcial do passado urbano.

B) A análise histórica deve tratar o documento escrito apenas como um repositório de dados estatísticos, ignorando as intenções políticas de quem o produziu, pois estas não afetam a veracidade das informações.

C) O documento escrito deve ser compreendido como um produto das relações de poder de sua época, revelando não apenas fatos, mas também a autoimagem que as elites ou grupos dominantes desejavam perpetuar sobre a organização da cidade.

D) As fontes escritas são inferiores às fontes orais no estudo da urbanização, pois apenas a memória oral é capaz de revelar a verdade histórica sem manipulações ou esquecimentos.

E) O conceito de "documento-monumento" sugere que os historiadores devem descartar documentos que apresentam viés ideológico, utilizando apenas aqueles comprovadamente isentos de intencionalidade política.

Por que a C está correta: Le Goff define o documento como um "monumento", ou seja, uma construção intencional deixada por uma sociedade para forjar uma imagem de si mesma. Ao analisar transformações urbanas, o aluno deve perceber que registros escritos (como planos diretores ou jornais) refletem os projetos e interesses dos grupos que detinham o poder de escrita e registro. Porque as demais estão erradas: A: Incorreta, pois nenhum documento é neutro ou puramente objetivo; todos carregam as marcas de quem os produziu. B: Incorreta, pois ignorar as intenções políticas (a "montagem") impede a compreensão crítica do documento. D: Incorreta, ao inverter o erro; as fontes orais também possuem subjetividades e não são "inferiores" ou "superiores", mas sim de natureza diferente. E: Incorreta, pois o trabalho do historiador é justamente analisar esse viés ideológico ("desmontar o monumento") para compreender a sociedade, e não descartar a fonte.

## QUADRO ORGANIZADOR

### SEMANA 1 HABILIDADES E DESCRITORES UTILIZADOS NOS ITENS SEMANA 1

Questão	Habilidade de Ciências Humanas (BNCC)	Descritores prioritários acionados		Gabarito
		Língua Portuguesa	Matemática	
01	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D4 - Inferir informação implícita		D
02	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D6 - Identificar o tema de um texto		D
03	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D4 - Inferir uma informação implícita em um texto		C

04	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D6 (Identificar o tema de um texto).		B
05	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D6 (Identificar o tema de um texto).		A
06	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D4 (Inferir uma informação implícita em um texto)		C

## SEMANA 02:

### HISTÓRIA

Área Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Crítica ao eurocentrismo	A Crítica à Periodização Tradicional e a construção da “Pré-História”. O lugar da escrita para a definição de civilização. As perspectivas eurocentristas e americanas.	Habilidade da BNCC de Ciências Humanas (EM13CHS102) Analisar e compreender diferentes fontes e narrativas expressas em diferentes linguagens, com vistas à reelaboração de ideias filosóficas e procedimentos, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, identificando causas, condições e transformações e avaliando criticamente conflitos e desigualdades sociais.

## Resumo teórico

A historiografia tradicional utilizou, por muito tempo, a escrita como critério central para definir o que é História, criando uma divisão entre “História” e “Pré-História”. Segundo Robert J. Braidwood, a pré-história refere-se ao período anterior ao desenvolvimento da escrita, que surgiu há cerca de cinco mil anos, provavelmente no Crescente Fértil. No entanto, essa visão apresenta problemas significativos: a escrita não surgiu simultaneamente em todas as regiões do mundo, e considerar apenas sociedades letradas como históricas reproduz um etnocentrismo europeu. O termo “Pré-História” foi formulado no século XIX, época marcada pelo Positivismo e pelo pensamento evolucionista europeu, que entendia a História como um progresso linear centrado na experiência europeia. A crítica contemporânea a esse conceito busca desconstruir a matriz eurocêntrica que hierarquiza culturas e valoriza apenas sociedades com escrita. Ao ampliar o conceito de fonte histórica, incluindo vestígios arqueológicos, tradições orais, paisagens transformadas e objetos materiais, é possível analisar as complexas relações de produção, poder e reprodução da vida em sociedades ágrafas, como as populações indígenas brasileiras antes de 1500. Essas sociedades construíram estradas, desenvolveram a agricultura, domesticaram plantas e transformaram profundamente o espaço geográfico, evidenciando que História não se faz apenas com documentos escritos, mas com todos os vestígios que registram a ação humana no tempo.

A periodização clássica da História, dividida em Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, também é alvo de críticas eurocêntricas. Ao tomar eventos europeus, como a Revolução Industrial ou as Revoluções Burguesas, como marcos universais, esta periodização desconsidera trajetórias autônomas de outros continentes e legitima uma visão de mundo que vê o Ocidente como motor do progresso. A perspectiva decolonial propõe desnaturalizar conceitos como “atraso” ou “subdesenvolvimento”, analisando os processos de urbanização, industrialização e transformação espacial nas regiões periféricas como resultados específicos das relações de poder e das dinâmicas locais, e não como cópias incompletas do modelo europeu. O conceito de raça, como analisado por Aníbal Quijano, ilustra como o eurocentrismo estruturou a sociedade colonial. Na América Latina, a construção de identidades como “índio”, “negro” e “mestiço” esteve vinculada à organização do trabalho e à hierarquização social. O trabalho forçado ou servil foi direcionado prioritariamente às populações racializadas como não brancas, enquanto populações brancas ocupavam funções assalariadas ou de controle. Essa divisão racial moldou o espaço rural e urbano, criando desigualdades estruturais que persistem até hoje.

Edward Said, em sua obra *Orientalismo*, destaca que o eurocentrismo também opera no campo do imaginário cultural. A divisão entre Ocidente e Oriente não é apenas geográfica, mas discursiva: o Oriente é construído como exótico, atrasado e passivo, enquanto o Ocidente se apresenta como racional e desenvolvido. Essa visão legitima a intervenção e o controle europeu sobre outras regiões, mostrando que a produção do espaço e da História está ligada a relações de poder e dominação. Autores como Lucien Febvre e Pedro Paulo Funari reforçam que a História deve ser entendida como a ciência dos homens no tempo, não restrita à escrita. O estudo da cultura material, das tradições orais, das transformações do espaço e das práticas sociais permite compreender sociedades ágrafas em sua complexidade, reconhecendo suas formas de produção, organização social e relações de poder. Valorizar apenas a escrita como critério histórico serviu aos interesses coloniais, legitimando a expropriação de territórios e a imposição de modelos europeus de civilização.

Em resumo, a crítica ao eurocentrismo e à periodização tradicional amplia a compreensão da História e das transformações sociais e espaciais. Permite estudar os processos de produção, poder e reprodução da vida de sociedades com ou sem escrita, reconhecendo trajetórias diversas e questionando narrativas que naturalizam a superioridade do Ocidente. Essa abordagem fortalece uma perspectiva decolonial, mais inclusiva, plural e capaz de analisar as relações históricas de forma crítica e contextualizada.

### Questão 01:

**Descritor Língua Portuguesa: D1 (Localizar informações explícitas).**

“Segundo Robert J. Braidwood (1974), a pré-história significa o tempo antes de a História começar a ser escrita. Ou seja, mais de 99% da trajetória humana se encontra na pré-história. Certamente, o homem enquanto ser pensante, caminha pela terra há pelo menos dois milhões de anos, porém só veio a desenvolver a escrita há cerca de cinco mil anos, provavelmente no crescente fértil. Entretanto, essa ideia é bastante criticada por ter dois grandes problemas; a saber, a escrita não surgiu em todos os lugares ao mesmo tempo e, em seguida o etnocentrismo resultante do ato de considerar apenas a escrita como fator cultural determinante para decidir, de forma arbitrária, quem se situa na história ou quem está à margem dela”.

OLIVEIRA, Matusalém Alves; SALES, Matheus Gleydson do Nascimento (orgs.). **Diálogos sobre pré-história: mente, cultura e sociedade**. Campina Grande: Editora Antropus, 2022, p.27

A principal implicação dessa desconstrução para o estudo das transformações sociais e espaciais reside na

- A) Priorização exclusiva das fontes materiais (arqueológicas) sobre as fontes orais, garantindo maior objetividade aos estudos pré-escrita.
- B) Necessidade de adotar a periodização definida pelas mitologias de cada sociedade, abandonando o estudo dos vestígios materiais.
- C) Desvalorização do conhecimento produzido por culturas que não alcançaram a escrita, mantendo o foco analítico nas grandes civilizações.
- D) Ampliação do conceito de fonte histórica para além do registro escrito, permitindo a análise das complexas relações de produção, poder e reprodução da vida de sociedades ágrafas.
- E) Restrição do campo da História ao estudo do Estado-Nação moderno, delegando a análise das sociedades antigas exclusivamente à Antropologia.

A superação do conceito de "Pré-História" é um ato de crítica epistemológica que visa ampliar o conceito de fonte histórica. Ao reconhecer que artefatos materiais (vestígios arqueológicos), as paisagens transformadas, as tradições orais e as simbologias são registros tão válidos quanto a escrita, o historiador ou geógrafo passa a ter ferramentas para analisar as complexas dinâmicas internas das sociedades ágrafas. Isso permite investigar, por exemplo, como essas sociedades se organizavam para a produção (ferramentas, agricultura), como as relações de poder se manifestavam e como se dava a reprodução da vida e a transformação do espaço (construção de megálitos, ocupação de territórios), conforme exigido pela habilidade EM13CHS102. A) Incorreta: A crítica não prioriza as fontes materiais, mas sim integra e valoriza todas as fontes (materiais, orais, simbólicas). B) Incorreta: Abandonar o estudo dos vestígios materiais é contrário à prática da Arqueologia e da História, que buscam cruzar dados de todas as fontes. C) Incorreta: A desconstrução do termo tem justamente o objetivo oposto: valorizar o conhecimento e a experiência de todas as culturas, combatendo o elitismo da escrita. E) Incorreta: A Modernidade e o Estado-Nação são objetos de estudo da História, mas restringir o campo a eles invalidaria a História Antiga e a Pré-História (em seu novo sentido), contradizendo o movimento de ampliação conceitual.

#### Questão 02:

**Descritor Língua Portuguesa: D11** (Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto).

Ao tomar eventos europeus (como as Revoluções Burguesas ou a Revolução Industrial) como marcos universais, essa periodização não só silencia as trajetórias autônomas de outros continentes (África, Ásia e Américas), mas também legitima uma visão de mundo que percebe o Ocidente como o motor e a vanguarda do "progresso". O principal desafio analítico imposto pela crítica ao eurocentrismo na periodização clássica da História, no contexto das Ciências Humanas, é a necessidade de:

- A) Adotar modelos temporais circulares ou míticos para todas as sociedades, invalidando as estruturas de causalidade e mudança social de longa duração.
- B) Ignorar os processos de industrialização e urbanização ocorridos na Europa, concentrando a análise exclusivamente nas civilizações pré-coloniais africanas e americanas.
- C) Construir uma abordagem decolonial capaz de desnaturalizar os conceitos de "atraso" ou "subdesenvolvimento", reconhecendo que as transformações espaciais e produtivas das regiões periféricas não são meras cópias falhas do modelo ocidental.
- D) Retornar ao determinismo geográfico para explicar as diferenças de desenvolvimento entre os continentes, eliminando a influência das relações de poder e do Capitalismo.
- E) Limitar a análise dos fluxos populacionais apenas às migrações intra-europeias, pois apenas essas são enquadráveis nos marcos temporais da Idade Moderna e Contemporânea.

A questão exige que o estudante identifique a função prática da crítica decolonial. A matriz eurocêntrica (associada à Modernidade/Progresso) impôs a ideia de que as transformações nas nações periféricas são "atrasos" ou "desvios" do modelo europeu. A crítica decolonial exige que se desnaturalize essa visão. Ao fazê-lo, permite-se analisar as relações de produção e as transformações espaciais de países como o Brasil (industrialização tardia, urbanização desigual) como processos autônomos, resultantes de relações de poder e dependência específicas, e não como simples falhas na imitação do modelo hegemônico. A) Incorreta: A crítica não propõe anular a análise da causalidade histórica (mudança social); ela propõe pluralizar as formas de medir o tempo e a mudança. B) Incorreta: A crítica não ignora os processos europeus; ela os contextualiza e os descentraliza, reconhecendo que eles foram apenas uma das muitas trajetórias. D) Incorreta: O determinismo geográfico é uma teoria do século XIX que a ciência social moderna rejeita. A crítica decolonial, pelo contrário, amplia o papel das relações de poder e do Capitalismo na explicação das desigualdades. E) Incorreta: As migrações transcontinentais, especialmente o Tráfico Negro, são

são essenciais para entender os fluxos populacionais e a formação do Capitalismo (matriz hegemônica), sendo cruciais para a crítica ao eurocentrismo.

**Questão 03:**

**Descritor Língua Portuguesa: D11** (Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto).

"A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados. [...] A formação de relações sociais fundadas nessa ideia produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. [...] A raça e a divisão do trabalho ficaram estruturalmente associadas e reforçaram-se mutuamente. [...] Desse modo, impôs-se uma classificação social básica e universal da população do planeta."

(QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina". In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-118).

O conceito de raça influenciou a organização do trabalho e do espaço na América Latina porque:

- A) A ideia de raça foi utilizada apenas no período inicial da colonização como uma distinção biológica temporária, desaparecendo completamente com a implantação das leis trabalhistas industriais no século XX.
- B) O conceito de raça serviu apenas para classificar a população culturalmente, sem ter nenhum impacto real sobre a economia, a distribuição de terras ou a hierarquia das profissões nas cidades e no campo.
- C) A classificação racial funcionou como um critério fundamental para a distribuição do trabalho, destinando formas de exploração não assalariadas (como escravidão e servidão) prioritariamente às populações "não brancas" (índios e negros), o que estruturou desigualdades espaciais que persistem até hoje.
- D) O eurocentrismo promoveu a igualdade racial ao introduzir o capitalismo na América, pois o sistema de mercado valoriza a competência individual acima da cor da pele ou da origem étnica dos trabalhadores.
- E) As identidades de "índio" e "negro" já existiam na Europa antes de 1492 e foram apenas transpostas para a América para facilitar a organização burocrática das novas cidades, sem relação com relações de poder ou dominação.

Por que a C está correta: Quijano argumenta que a invenção da "raça" foi o pilar para naturalizar a dominação. Na divisão internacional do trabalho, o trabalho assalariado foi reservado majoritariamente aos brancos (no centro e nas colônias), enquanto o trabalho forçado ou servil foi destinado aos "inferiorizados" racialmente. Isso moldou a estrutura fundiária (espaço rural) e a segregação urbana, impactando diretamente a "produção e reprodução da vida" mencionada na habilidade. A: Incorreta, pois a "colonialidade" (diferente do colonialismo formal) é uma estrutura de poder que sobreviveu à independência e continua operando nas hierarquias sociais atuais. B: Incorreta, pois o texto afirma explicitamente que raça e divisão do trabalho ficaram "estruturalmente associadas". D: Incorreta, pois o capitalismo periférico utilizou o racismo para baratear a mão de obra e maximizar lucros, não para promover igualdade ("mito da democracia racial"). E: Incorreta, pois o texto afirma que essas são "identidades sociais historicamente novas" produzidas na América; antes, as pessoas se identificavam por suas etnias ou locais de origem (Ashanti, Iorubá, Inca, Asteca), e não como uma massa homogênea de "negros" ou "índios".

**Questão 04:**

**Descritor Língua Portuguesa D6** (identificar o tema de um texto).

"O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e recorrentes do Outro. [...] O Orientalismo não é uma fantasia europeia ociosa a respeito do Oriente, mas um corpo criado de teoria e prática em que, por muitas gerações, houve um investimento considerável. [...] O Orientalismo é um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente." (SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 27-29.)

Com base nas colocações acima sobre a noção de Orientalismo, podemos afirmar que:

- A) A divisão entre Oriente e Ocidente baseia-se exclusivamente em critérios geográficos e cartográficos neutros, estabelecidos pelos gregos antigos, sem relação com os processos de colonização moderna ou fluxos de dominação.

B) O eurocentrismo, segundo o texto, opera através da criação de uma "geografia imaginária" que hierarquiza o espaço: o Ocidente é representado como racional e desenvolvido, legitimando sua intervenção e controle sobre um Oriente visto como exótico, atrasado e passivo.

C) O autor defende que o Oriente sempre dominou o Ocidente culturalmente, justificando a necessidade histórica das potências europeias de se protegerem por meio de barreiras militares e ideológicas.

D) A crítica ao eurocentrismo de Said sugere que não existem diferenças culturais reais entre os povos, sendo todas as fronteiras nacionais e identidades apenas ficções literárias sem impacto na economia ou na política.

E) O texto afirma que o Orientalismo foi um movimento artístico do século XIX que valorizava a cultura árabe de forma igualitária, promovendo um intercâmbio tecnológico justo entre as metrópoles europeias e suas colônias.

B está correta: A essência da crítica de Said é que o espaço geográfico é "produzido" discursivamente para servir ao poder. Ao definir o Oriente como o "Outro" (inferior/exótico), o Ocidente (Europa) se autoafirma como o padrão de civilização (centro), justificando a colonização ("reestruturar e ter autoridade"). A: Incorreta, pois Said nega a neutralidade; a geografia é politizada. C: Incorreta, pois inverte a relação de poder histórica denunciada na obra. D: Incorreta. Said não nega as diferenças culturais, mas sim a *essencialização* e a hierarquização dessas diferenças para fins de domínio. E: Incorreta. Embora houvesse interesse estético, o Orientalismo como *discurso de poder* não era igualitário, mas sim uma ferramenta de controle imperialista.

#### Questão 05:

**Descritor Língua Portuguesa: D11** (Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto).

"A história não é apenas a ciência do passado, é a ciência dos homens no tempo. [...] Durante muito tempo, acreditou-se que a história só se fazia com documentos escritos. Era a história positivista, a história-batalha, a história dos grandes homens. [...] Mas a história se faz com tudo. Com palavras, com sinais, com paisagens e com telhas. Com as formas do campo e as ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos bois. Com o exame das pedras pelos geólogos e a análise dos metais pelos químicos." FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 29. Adaptado.

Considerando a crítica de Lucien Febvre, assinale a alternativa que aponta corretamente as implicações de se considerar a escrita como definidora da História:

A) A definição da História baseada exclusivamente na escrita é inclusiva e democrática, pois, permite que qualquer sociedade seja estudada com o mesmo rigor científico das nações europeias.

B) Ao limitar a História aos documentos escritos, a historiografia tradicional legitimou uma relação de poder eurocêntrica, classificando povos indígenas e africanos de tradição oral como "pré-históricos" ou "atrasados", desconsiderando suas complexas relações sociais e formas de ocupação do espaço.

C) A escrita é a única forma segura de registro do passado, portanto, o texto de Lucien Febvre está incorreto ao sugerir que paisagens ou objetos (cultura material) possam servir para analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais.

D) A ausência de escrita em uma sociedade impede a formação de relações de poder, de produção ou de hierarquias sociais, o que justifica o termo "Pré-História" para designar um período de total igualdade e simplicidade.

E) A crítica de Febvre sugere que os historiadores devem abandonar os arquivos escritos e focar exclusivamente na arqueologia, pois os documentos oficiais são sempre falsificações criadas pelo Estado.

B está correta: A centralidade da escrita na definição do que é "História" foi uma ferramenta de poder. Ao definir que só existe história onde há escrita, as potências coloniais do século XIX excluíram da narrativa histórica as sociedades de tradição oral (como muitas na África e nas Américas), justificando a dominação sobre esses espaços considerados "sem civilização". Isso toca diretamente na análise das relações de poder (EM13CHS102). A: Incorreta. A definição é excludente, não inclusiva. C: Incorreta. A historiografia moderna (como a dos Annales, de Febvre) prova que a cultura material e oral são fontes essenciais. D: Incorreta. Sociedades sem escrita (como o Império Inca) possuíam complexas relações de poder, urbanização e produção. A falta de escrita não significa falta de complexidade social. E: Incorreta. Febvre defende a *ampliação* das fontes ("a história se faz com tudo"), e não o abandono das fontes escritas.

#### Questão 06:

**Descritor Língua Portuguesa: D11** (Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto).

"A distinção entre história e pré-história baseia-se no surgimento da escrita. [...] Essa visão tradicional acaba por desprezar a complexidade das sociedades ágrafas, como as populações indígenas brasileiras antes de 1500. Elas não deixaram documentos escritos, mas transformaram profundamente a natureza, domesticaram plantas, construíram estradas e geriram o espaço. Chamar esse período de 'Pré-História' do Brasil é uma forma de dizer que

a verdadeira história – e, portanto, o direito à posse legítima do território – só começou com a chegada do colonizador europeu e sua escrita burocrática."

FUNARI, Pedro Paulo. **Brasil: pré-história e história**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 12-14. Adaptado.

Assinale a alternativa que explica como a valorização excessiva da escrita serviu aos interesses coloniais:

A) A ausência de escrita impediu que os indígenas desenvolvessem qualquer noção de território ou propriedade, o que tornou a ocupação portuguesa um processo pacífico e sem conflitos fundiários.

B) A definição de História baseada na escrita funcionou como uma ferramenta ideológica de poder, deslegitimando a ocupação espacial milenar dos indígenas e justificando a tomada de suas terras como se fossem espaços "vazios" de civilização.

C) O texto defende que a escrita é a única forma capaz de comprovar a existência de estradas e agricultura, portanto, as transformações espaciais feitas pelos indígenas não podem ser consideradas históricas.

D) A crítica de Funari visa demonstrar que as sociedades ágrafas eram superiores às letradas, pois viviam em total harmonia com a natureza, a sem realizar nenhuma transformação na paisagem ou no espaço geográfico.

E) O conceito de Pré-História foi criado pelos próprios indígenas para diferenciar o tempo mítico de seus ancestrais do tempo histórico introduzido pelos europeus com as capitânicas hereditárias.

B está correta: A questão aborda o "lugar da escrita" como um critério de exclusão. Ao definir que povos sem escrita não têm História (são "pré-históricos"), o colonizador europeu esvazia o significado da ocupação indígena anterior. Isso legitima, no campo das ideias e das leis (relação de poder), a expropriação das terras e a reorganização do espaço produtivo segundo os moldes coloniais. A: Incorreta. Os indígenas tinham noções claras de territorialidade e houve intensos conflitos (guerras) pela terra. C: Incorreta. A arqueologia prova as transformações espaciais (estradas, agricultura, sambaquis) independentemente de registros escritos. D: Incorreta. O texto afirma que eles "transformaram profundamente a natureza", refutando a ideia de intocabilidade ou passividade espacial. E: Incorreta. O conceito é uma invenção da historiografia europeia do século XIX, não uma autodefinição indígena.

## QUADRO ORGANIZADOR

### SEMANA 2

#### HABILIDADES E DESCRITORES UTILIZADOS NOS ITENS SEMANA 2

Questão	Habilidade de Ciências Humanas (BNCC)	Descritores prioritários acionados		Gabarito
		Língua Portuguesa	Matemática	
01	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D1 - identificar informação implícita		D
02	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D11 (Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto).		C
03	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida,	D11 (Estabelecer relação causa/consequência entre partes e		C

	relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	elementos do texto).		
04	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D6 (Identificar o tema de um texto).		B
05	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D11 (Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto).		B
06	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D11 (Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto).		

### SEMANA 03:

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
<ul style="list-style-type: none"> <li>A Modernidade como Projeto Histórico-Conceptual</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Construção e a Desnaturalização das Categorias "Civilizado" e "Bárbaro".</li> <li>As implicações e preconceitos associados às categorias de civilizado e bárbaro ao longo do tempo.</li> <li>Modernidade e as matrizes conceituais hegemônicas associadas a ela.</li> </ul>	Habilidade da BNCC de Ciências Humanas: (EM13CHS102) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e processos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, identificando resistências e transformações e avaliando criticamente conflitos e desigualdades sociais.

## Resumo teórico

A distinção entre "civilizado" e "bárbaro" é histórica e política, não natural. Desde a Antiguidade, os romanos utilizavam o termo *bárbaro* para designar povos que viviam fora do Império, não falavam latim ou grego e não compartilhavam suas leis, costumes e organização política. Essa categorização funcionava como instrumento de poder, justificando a conquista, a expansão territorial e a exploração econômica. Ao rotular os povos externos como inferiores, Roma legitimava a imposição de sua ordem e de sua cultura sobre outros territórios. Na Idade Moderna, o conceito de civilização migrou do âmbito religioso para o científico e racional, com o Iluminismo. A civilização passou a ser associada ao progresso técnico, ao domínio da ciência, à formação do Estado-Nação e a valores morais específicos, enquanto os povos não europeus eram considerados primitivos ou "bárbaros". Essa distinção serviu como justificativa ideológica para a colonização e a escravidão, sustentando a ideia de superioridade moral e técnica do Ocidente. Segundo Wolff, a barbárie se define como a negação da humanidade de outra cultura; ou seja, bárbaro não é apenas quem possui costumes diferentes, mas quem não reconhece ou admite outras formas de existência humana.

A modernidade introduziu novas matrizes de pensamento hegemônico, como o Iluminismo e o racionalismo científico, que impuseram uma relação linear e progressiva com o tempo e consideraram o conhecimento como universal e racional, subordinando tradições locais, saberes orais e práticas culturais diferentes ao paradigma científico. A natureza e os espaços geográficos passaram a ser tratados como recursos exploráveis, justificando o desenvolvimento industrial e a acumulação de capital. Adorno e Horkheimer criticam o Iluminismo ao mostrar que a razão instrumental desencantou o mundo: o conhecimento científico passou a ser usado não para compreender a natureza ou melhorar a vida humana equitativamente, mas para dominar a natureza e explorar o trabalho humano. No século XIX, a urbanização acelerada e o crescimento industrial exigiram novas formas de organização do espaço. Inspiradas pelo racionalismo iluminista e pelo saber médico-higienista, as reformas urbanas buscavam combater doenças por meio de saneamento, ventilação e ampliação de ruas, controlar fluxos populacionais, garantindo a saúde dos trabalhadores, e vigiar e disciplinar a população, especialmente nas áreas mais pobres. A cidade moderna passou a ser planejada de forma funcional, priorizando circulação, higiene e visibilidade, refletindo a lógica da modernidade: o espaço urbano como instrumento de controle e produtividade.

O projeto moderno de civilização foi essencialmente eurocêntrico. A Europa definiu seus próprios valores e experiências históricas como modelo universal, classificando outras sociedades segundo esses parâmetros. Isso resultou em hierarquização cultural, justificativa ideológica da colonização, exploração econômica e dominação política, e na difusão de uma matriz conceitual de progresso linear, em que civilização equivalia à tecnologia, ciência e organização política ocidental. Assim, a modernidade não apenas reorganizou o espaço e a economia, mas também controlou simbolicamente o significado de civilização, impondo valores e critérios europeus como universais.

Em resumo, as categorias de civilizado e bárbaro foram construídas historicamente como instrumentos de poder, enquanto a modernidade, com seu racionalismo científico e eurocentrismo, reorganizou o tempo, o conhecimento e o espaço, legitimando a exploração econômica, social e cultural de povos e territórios considerados "inferiores" segundo os padrões europeus.

### Questão 01:

**Descritor Língua Portuguesa: D3 (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).**

"A 'civilização' não é uma cultura específica, é a forma que permite a existência das culturas humanas em sua diversidade e, por conseguinte, em sua coexistência. Para dizê-lo negativamente: a barbárie não é uma prática humana, um costume humano, e tampouco uma cultura humana específica, é uma prática, um costume, uma cultura que se define pelo fato de negar tal ou tal forma específica de humanidade.

WOLFF, F. Quem é bárbaro? In: NOVAES, A. (org.). **Civilização e barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 40-41.

A principal função dessa distinção era:

- A) Promover a integração cultural e a cidadania plena de todos os povos que viviam nas fronteiras do Império, reforçando a igualdade jurídica.
- B) Limitar a expansão territorial do Império, reconhecendo o direito à soberania e aos costumes de todos os povos vizinhos.
- C) Criar uma identidade cultural coesa entre os povos dominados, incentivando-os a adotar a língua e a religião romanas de forma espontânea.
- D) Justificar a transformação do espaço por meio da conquista e da guerra, estabelecendo a superioridade romana como argumento para a exploração econômica e o controle militar dos povos externos.
- E) Classificar os povos de acordo com seu desenvolvimento tecnológico na agricultura, facilitando o intercâmbio comercial e a livre circulação de mercadorias.

D) Correta. A questão analisa a criação de categorias (civilizado vs. bárbaro) como um instrumento de poder e dominação, que influencia a delimitação de fronteiras e a justificação das relações sociais e da transformação do espaço na Antiguidade. A categoria "bárbaro" é uma matriz conceitual de dominação. Ao rotular o Outro como inferior, incivilizado e caótico, Roma criava a justificativa ideológica para sua ação de poder mais fundamental: a conquista territorial. A transformação do espaço (expansão do Império, construção de estradas, fundação de cidades coloniais) e a exploração (imposição de tributos e novas relações de produção) eram apresentadas não como atos de agressão, mas como a imposição da ordem e da civilidade. A) Incorreta: A distinção servia para o oposto: excluir e hierarquizar. A cidadania plena era um privilégio concedido seletivamente, e não a regra. B) Incorreta: A categorização de "bárbaro" estava diretamente ligada à expansão territorial. Era o argumento para não reconhecer a soberania desses povos. C) Incorreta: A adoção da cultura romana (romanização) era um processo complexo, muitas vezes forçado ou incentivado por interesses econômicos, e a categoria "bárbaro" servia justamente para reforçar a diferença em relação ao não-romano. E) Incorreta: Embora a economia fosse crucial, a distinção primária era política e cultural (quem não está sob nossa lei). Além disso, a presença de fortes barreiras militares (o *Limes*) demonstra que a prioridade não era a livre circulação de mercadorias.

### Questão 02:

● **Descritor Língua Portuguesa: D3** (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).

Na Idade Moderna, o conceito de "civilização" migrou das categorias religiosas para ser firmemente ancorado na razão científica e no progresso técnico definidos pelo Iluminismo. A matriz conceitual hegemônica do Ocidente passou a postular que a civilização era o ápice da organização social, caracterizada pelo domínio da técnica, pela formação do Estado-Nação e pela adesão a valores morais e jurídicos específicos. Essa visão de mundo, essencialmente eurocêntrica, criou um paradigma binário: a civilização (*versus* a barbárie, o primitivismo ou o selvagem). A matriz conceitual de "civilização" desenvolvida e consolidada durante a Idade Moderna funcionou como um instrumento ideológico ao:

A) Exigir que todas as nações adotassem o regime absolutista, garantindo a paz e a estabilidade nas relações de produção globais.

B) Classificar os povos segundo o grau de desenvolvimento industrial e científico, fornecendo o argumento de superioridade moral necessário para legitimar as relações de poder e a expropriação colonial de terras e recursos.

C) Desvincular o conceito de progresso da exploração econômica, incentivando o desenvolvimento autônomo e igualitário das colônias sob a égide do livre-comércio.

D) Priorizar o conhecimento oral e os saberes tradicionais das sociedades ágrafas, confrontando o Racionalismo iluminista e sua visão de mundo linear.

E) Promover a uniformidade religiosa entre os continentes, extinguindo as antigas divisões medievais em nome da união política dos impérios.

B) Correta: A Modernidade associou "civilização" ao desenvolvimento técnico e científico (matrizes conceituais hegemônicas). Ao classificar os povos não-europeus como inferiores nesse quesito, o Ocidente construiu a narrativa de superioridade moral e racional. Essa superioridade era a justificativa ideológica perfeita para legitimar as relações de poder coloniais, que se manifestavam na expropriação de terras e recursos (transformação do espaço e relações de produção), e na imposição de fluxos populacionais como a escravidão. A "civilização" tornou-se sinônimo de poder e domínio. A) Incorreta: A matriz moderna culmina com as revoluções liberais, que questionaram o Absolutismo em favor de repúblicas ou monarquias constitucionais, embora o imperialismo tenha se mantido. C) Incorreta: O conceito de "civilização" foi intrinsecamente ligado à exploração econômica (Capitalismo mercantil e industrial), sendo sua principal função legitimar o domínio e a subordinação produtiva das colônias. D) Incorreta: O Racionalismo iluminista, matriz central da Modernidade, desvalorizava o conhecimento oral e tradicional em favor da ciência escrita e do método cartesiano. E) Incorreta: A Modernidade, com as reformas protestantes e as guerras religiosas, estava longe de promover a uniformidade religiosa. O foco do conceito de civilização se deslocou da religião para a ciência e a política.

A) Incorreta: A matriz moderna culmina com as revoluções liberais, que questionaram o Absolutismo em favor de repúblicas ou monarquias constitucionais, embora o imperialismo tenha se mantido. C) Incorreta: O conceito de "civilização" foi intrinsecamente ligado à exploração econômica (Capitalismo mercantil e industrial), sendo sua principal função legitimar o domínio e a subordinação produtiva das colônias. D) Incorreta: O Racionalismo iluminista, matriz central da Modernidade, desvalorizava o conhecimento oral e tradicional em favor da ciência escrita e do método cartesiano. E) Incorreta: A Modernidade, com as reformas protestantes e as guerras religiosas, estava longe de promover a uniformidade religiosa. O foco do conceito de civilização se deslocou da religião para a ciência e a política.

C) Incorreta: O conceito de "civilização" foi intrinsecamente ligado à exploração econômica (Capitalismo mercantil e industrial), sendo sua principal função legitimar o domínio e a subordinação produtiva das colônias. D) Incorreta: O Racionalismo iluminista, matriz central da Modernidade, desvalorizava o conhecimento oral e tradicional em favor da ciência escrita e do método cartesiano. E) Incorreta: A Modernidade, com as reformas protestantes e as guerras religiosas, estava longe de promover a uniformidade religiosa. O foco do conceito de civilização se deslocou da religião para a ciência e a política.

D) Incorreta: O Racionalismo iluminista, matriz central da Modernidade, desvalorizava o conhecimento oral e tradicional em favor da ciência escrita e do método cartesiano. E) Incorreta: A Modernidade, com as reformas protestantes e as guerras religiosas, estava longe de promover a uniformidade religiosa. O foco do conceito de civilização se deslocou da religião para a ciência e a política.

E) Incorreta: A Modernidade, com as reformas protestantes e as guerras religiosas, estava longe de promover a uniformidade religiosa. O foco do conceito de civilização se deslocou da religião para a ciência e a política.

### Questão 03:

**Descritor Matemática: D34** (Resolver problema envolvendo informações apresentadas em tabelas e gráficos).

"Os historiadores tendem a concordar que, a partir de meados do século, o ritmo da história social se modifica. O termo em si é impreciso - 'meados do século' -, mas quando olhamos sobre as diversas histórias específicas (econômica, demográfica, urbana, técnica) parece haver uma convergência no sentido de se localizar, dentro dos

limites dessa duração, senão uma ruptura, pelo menos uma aceleração. Por exemplo, é entre 1853 e 1870 que a cidade de Paris transforma-se radicalmente, época em que se realizam as grandes reformas urbanísticas do barão Haussmann." (ORTIZ, Renato. Cultura e modernidade: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 21.)

A respeito do texto, qual as modificações na concepção de tempo e ritmo social que se configuram a partir do século XIX:

- A) Uma desaceleração do crescimento econômico e populacional.
- B) A intensificação da urbanização e do desenvolvimento industrial.
- C) O retorno a padrões sociais e econômicos do Antigo Regime.
- D) A diminuição da importância das ferrovias e outras infraestruturas.
- E) A estagnação das inovações tecnológicas e culturais.

A resposta correta é B) A intensificação da urbanização e do desenvolvimento industrial. O texto mostra que, a partir de meados do século XIX, houve uma aceleração nos processos sociais, econômicos e urbanos, como exemplificado pelas grandes reformas urbanísticas em Paris promovidas por Haussmann. Isso indica uma modernização da sociedade, marcada pelo crescimento das cidades e pelo desenvolvimento industrial. As demais alternativas estão incorretas: não houve desaceleração econômica ou populacional, nem retorno aos padrões do Antigo Regime; ao contrário, houve maior importância das ferrovias e outras infraestruturas, assim como intensificação das inovações tecnológicas e culturais.

#### Questão 04:

Descritor Língua Portuguesa: D6 (Identificar o tema de um texto).

"A medicina dos espaços urbanos [...] não é mais aquela que analisa os doentes, mas a que analisa os lugares de acúmulo e empilhamento, os lugares de onde nascem e se espalham as doenças. [...] Trata-se de organizar a cidade para evitar o contágio. A cidade deve ser percorrida por fluxos de ar e água, deve ser ventilada, lavada. O urbanismo do século XIX, herdeiro das Luzes, sonha com uma cidade transparente, legível, onde o olhar do poder possa penetrar em cada beco escuro para eliminar a sujeira e, com ela, a desordem social." (FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 165. Adaptado).

Com base no texto de Michel Foucault, assinale a alternativa que explica como a "ciência" foi utilizada para reorganizar o espaço urbano:

- A) A reorganização das cidades baseou-se exclusivamente em princípios estéticos do Renascimento, buscando embelezar as praças com estátuas, sem preocupação real com a saúde pública ou o controle da população.
- B) O racionalismo científico foi aplicado ao urbanismo como uma ferramenta de biopolítica, onde a reordenação do espaço (alargamento de ruas, saneamento) visava não apenas combater doenças, mas também controlar os fluxos populacionais, vigiar os bairros pobres e garantir a eficiência da força de trabalho.
- C) As reformas urbanas inspiradas no Iluminismo priorizaram a manutenção dos traçados medievais tortuosos, pois acreditava-se que a "desordem" arquitetônica estimulava a liberdade de pensamento e a criatividade dos cidadãos.
- D) O texto indica que a medicina e o urbanismo atuaram de forma independente, sendo que os médicos cuidavam apenas dos hospitais, enquanto o Estado cuidava da construção de estradas rurais, sem intervir no espaço interno das cidades.
- E) A "cidade transparente" mencionada por Foucault refere-se à construção de edifícios de vidro no século XIX, que tinham como único objetivo permitir a entrada de luz solar para economizar energia elétrica nas fábricas.

B está correta: A questão aborda como a matriz do pensamento racionalista (a ciência médica/higienista) se torna um instrumento de poder sobre o espaço. Ao "sanear" a cidade, o Estado moderno (Iluminista/Industrial) elimina os "becos escuros" onde ocorriam revoltas e doenças. O espaço urbano é transformado para garantir a circulação de mercadorias e a saúde dos corpos produtivos. A: Incorreta. A estética era secundária; o foco era a higiene, a circulação e a segurança (controle social). C: Incorreta. O racionalismo odeia o labirinto medieval; ele busca a linha reta (Haussmann em Paris, por exemplo) para facilitar o fluxo e o controle (evitar barricadas). D: Incorreta. Houve uma fusão entre saber médico e gestão urbana ("medicina social"). E: Incorreta. "Transparente" aqui é uma metáfora para a visibilidade política e policial, não uma referência literal a materiais de construção como vidro.

#### Questão 05:

Descritor Língua Portuguesa: D6 (Identificar o tema de um texto).

"O programa do Esclarecimento [Iluminismo] era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. [...] Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma

calamidade triunfal. [...] O que os homens querem aprender da natureza é como utilizá-la para dominar a ela e aos outros homens. Nada mais importa". (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 17-18).

Considerando o impacto desse pensamento na produção do espaço, assinale a alternativa que descreve corretamente a consequência desse modelo de racionalidade:

A) O Iluminismo promoveu uma relação harmoniosa e sustentável com o espaço rural, recuperando mitos antigos de preservação ambiental para impedir o avanço da industrialização sobre as florestas.

B) A razão instrumental, ao "desencantar o mundo", transformou a natureza e o espaço geográfico em meros recursos exploráveis, legitimando uma lógica de produção industrial que visa o domínio técnico, a maximização do lucro e a subordinação do trabalho humano.

C) Segundo Adorno e Horkheimer, a ciência moderna libertou o homem de todas as formas de dominação, criando uma sociedade onde a tecnologia serve exclusivamente para reduzir a jornada de trabalho e aumentar o tempo livre dos operários.

D) O texto defende que o saber técnico e científico é neutro e desvinculado de interesses econômicos, não tendo qualquer relação com a acumulação de capital ou com a transformação dos espaços de produção.

E) O "desencantamento do mundo" refere-se ao declínio da literatura de fantasia no século XVIII, sem gerar impactos reais na organização das fábricas ou na exploração dos recursos naturais.

B está correta: A "Razão Instrumental" trata a natureza (e o espaço) não como algo sagrado ou dotado de valor intrínseco, mas como "matéria-prima" para a produção. Isso justifica a transformação radical do espaço rural e urbano pela industrialização predatória. A ciência vira técnica de dominação para gerar capital, moldando as relações de produção atuais. A: Incorreta. O objetivo era "dissolver os mitos", não os recuperar. A relação tornou-se de exploração, não de harmonia. C: Incorreta. A crítica central dos autores é que a razão técnica trouxe novas formas de dominação (a "calamidade triunfal"), e não a liberdade plena. D: Incorreta. O texto é explícito: a técnica visa "a exploração do trabalho de outros e o capital". E: Incorreta. Interpretação literal e ingênua. "Desencantamento" é um conceito sociológico (Weberiano) sobre a perda da dimensão mágica/religiosa da vida em favor da lógica burocrática e econômica.

#### Questão 6:

**Descritor Língua Portuguesa: D6 (Identificar o tema de um texto).**

O projeto moderno é o de uma história que se fragmentou e se descentralizou e que busca se reunificar e se reuniversalizar. É a representação ocidental da "civilização" como busca da liberdade, isto é, da coincidência absoluta da subjetividade consigo mesma. (Fonte: REIS, José Carlos. **História & Teoria**. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 35).

A partir de uma leitura crítica do conceito moderno de civilização, elaborado no contexto europeu, analise as alternativas e assinale aquela que melhor expressa o papel da Europa na definição e no controle desse conceito ao longo da modernidade.

A) A Europa construiu a ideia de civilização como um modelo universal de desenvolvimento histórico, utilizando seus próprios valores como parâmetro para julgar outras sociedades.

B) O pensamento moderno europeu recusou a noção de progresso linear, defendendo a equivalência histórica entre todas as culturas.

C) A concepção europeia de civilização rompeu com qualquer tentativa de centralização da história, impedindo hierarquizações culturais.

D) O projeto moderno de civilização foi elaborado de forma neutra, sem relações com processos de dominação política ou cultural.

E) A modernidade europeia compreendeu a civilização como um fenômeno exclusivamente plural, sem pretensões universalistas.

A alternativa correta é a A, pois expressa a crítica central ao conceito moderno de civilização enquanto construção eurocêntrica. Ao formular sua própria experiência histórica como modelo universal de progresso, razão e liberdade, a Europa passou a exercer controle simbólico e político sobre o significado de civilização, classificando outras sociedades a partir de seus próprios critérios. As demais alternativas são incorretas porque atribuem ao pensamento moderno características que ele não possui, como a rejeição da universalização, a ausência de hierarquias culturais ou a neutralidade frente às relações de poder, contrariando a lógica histórica do projeto moderno europeu.

**QUADRO ORGANIZADOR**

**SEMANA 3  
HABILIDADES E DESCRITORES UTILIZADOS NOS ITENS SEMANA 3**

Questão	Habilidade de Ciências Humanas (BNCC)	Descritores prioritários acionados		Gabarito
		Língua Portuguesa	Matemática	
01	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).		D
02	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).		B
03	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.		<b>D34</b> (Resolver problema envolvendo informações apresentadas em tabelas e/ou gráficos)).	B
04	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	<b>D6</b> (Identificar o tema de um texto).		B
05	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida,	<b>D6</b> (Identificar o tema de um texto).		B

	relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.			
06	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D6 (Identificar o tema de um texto).		A

## SEMANA 04:

### HISTÓRIA

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
● A Modernidade como Projeto Histórico-Conceptual II	● Iluminismo e Racionalismo Científico	Habilidade da BNCC de Ciências Humanas: (EM13CHS102) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e processos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, identificando resistências e transformações e avaliando criticamente conflitos e desigualdades sociais.

#### Resumo teórico

A compreensão da Modernidade e da Revolução Francesa exige analisar as transformações políticas, sociais e culturais ocorridas entre os séculos XVIII e XIX. A Revolução Francesa marcou a passagem de uma sociedade baseada na monarquia absoluta e nos privilégios de nascimento para um modelo em que os direitos individuais e coletivos passaram a ser reivindicados como universais. No entanto, essa universalidade era limitada. Apesar de proclamarem a liberdade, a igualdade e a fraternidade, os revolucionários da época restringiam a cidadania plena à população masculina proprietária, excluindo mulheres, escravizados e setores marginalizados da sociedade. Nesse contexto, surgiram vozes críticas, como a de Olympe de Gouges, que elaborou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã em 1791. Gouges denunciava a contradição do projeto revolucionário: enquanto os homens se apropriavam da universalidade dos direitos, as mulheres eram privadas de participação política e reconhecimento legal. Sua proposta era ampliar os princípios de liberdade, igualdade e resistência à opressão, incluindo a mulher como sujeito ativo da história e cidadã de pleno direito. Essa exclusão feminina também se observa na filosofia iluminista, mesmo quando os pensadores defendiam a razão e os direitos naturais como universais. Filósofos como Jean-Jacques Rousseau delinearão uma educação feminina voltada para a esfera doméstica, subordinada à satisfação e ao cuidado do homem, limitando a atuação das mulheres à reprodução da vida e à manutenção da moral privada. Assim, o Iluminismo apresenta uma contradição central: ao mesmo tempo em que critica o Antigo Regime e propõe novos fundamentos racionais para a sociedade, reforça hierarquias de gênero, restringindo a cidadania e o acesso à esfera pública às mulheres.

Outro aspecto central da Modernidade é a construção do Estado-Nação, entendido não como uma realidade pré-existente, mas como um projeto político que busca homogeneizar culturas, línguas e identidades regionais. Instituições como a escola, o exército e os símbolos nacionais desempenham papel decisivo na formação do cidadão, transformando populações diversas em cidadãos de uma mesma nação e impondo uma unidade territorial, cultural e política. Esse processo de nacionalização, embora fortalecendo a coesão do Estado, muitas vezes suprime

diferenças locais, dialetos e tradições, gerando tensões e exclusões no espaço social e geográfico. A história moderna também precisa ser interpretada criticamente em relação ao conceito de progresso. Para a matriz hegemônica da modernidade, o progresso era linear, inevitável e positivo, associado à ciência, à razão e à técnica. No entanto, pensadores como Walter Benjamin alertam para as consequências destrutivas desse processo: a modernização frequentemente gera ruínas sociais, culturais e espaciais, destruindo modos de vida anteriores em nome de um futuro idealizado. Assim, o progresso moderno não pode ser visto apenas como melhoria; ele envolve transformações violentas e perdas que moldam desigualdades e exclusões.

Por fim, as interpretações recentes do Iluminismo ampliam a visão tradicional, antes centrada na França e nos homens de letras de Paris. A partir da década de 1970, a historiografia passou a reconhecer que o Iluminismo é plural e contextual, com manifestações diversas na Escócia, Alemanha, Península Ibérica, nas colônias americanas e em outros territórios. Essa perspectiva permite compreender que as ideias de razão, liberdade e cidadania foram reinterpretadas e aplicadas de maneira diferenciada, dependendo do contexto social, político e cultural em que se desenvolveram, e que as tensões internas ao movimento são fundamentais para entender sua complexidade histórica. A Revolução Francesa, por sua vez, deve ser compreendida como um processo histórico amplo e gradual. A chamada "revolução aristocrática", iniciada com a reunião dos Notáveis em 1787, evidencia que a crise da monarquia absoluta não se restringiu apenas ao rei ou à nobreza, mas envolveu diferentes grupos sociais. A representação ampliada do Terceiro Estado e a necessidade de dividir funções entre intendententes e assembleias eleitas indicam que a transformação política ocorreu de forma progressiva, alterando profundamente as estruturas tradicionais de poder.

Portanto, o estudo da Modernidade, da Revolução Francesa e do Iluminismo deve considerar não apenas as ideias proclamadas, mas também suas limitações, contradições e as práticas de exclusão que marcaram esses processos. A cidadania, os direitos universais, a construção do Estado-Nação e o progresso histórico são produtos de disputas políticas e sociais, conquistas parciais e contínuas, que exigem reflexão crítica sobre quem foi incluído, quem foi excluído e de que forma essas decisões moldaram o mundo contemporâneo.

#### Questão 01:

**Descritor LínguaPortuguesa: D12 (identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros).**

Art. I - A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum.

Art. II - O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem: Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.

Art. III - O princípio de toda soberania reside essencialmente na nação, que é a união da mulher e do homem: nenhum organismo, nenhum indivíduo, pode exercer autoridade que não provenha expressamente deles.

(GOUGES, Olympe de. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Portal UFMS. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/DeclaraDirMulherCidada1791RecDidaPESSOALJNETO.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2025).

Essa crítica fundamental do documento de 1791, que levou à sua rejeição pelas autoridades revolucionárias, evidenciava a:

- A) Prevalência imediata da pauta abolicionista, exigindo o fim da escravidão nas colônias francesas como condição para a igualdade de gênero.
- B) Necessidade de manutenção da estrutura monárquica, pois esta garantiria a hierarquia social e a proteção dos direitos femininos.
- C) Contradição do projeto revolucionário, que afirmava a universalidade dos direitos humanos, mas excluía as mulheres da cidadania plena.
- D) Priorização da Revolução Francesa em questões de natureza exclusivamente econômica, desvinculadas de qualquer debate político-social.
- E) Submissão da burguesia revolucionária aos interesses do clero e da nobreza, impedindo a discussão sobre qualquer forma de democracia.

A questão exige a identificação da principal crítica de Olympe de Gouges ao processo revolucionário francês. Opção C (Correta): A crítica central de Olympe de Gouges era a contradição do projeto revolucionário. A Revolução Francesa, baseada nos princípios iluministas, defendia a universalidade da liberdade e da igualdade. No entanto, ao usar o termo "Homem e do Cidadão", ela restringiu, na prática, esses direitos à população masculina. Olympe expôs o limite da cidadania revolucionária, que excluía as mulheres da vida política e dos direitos plenos. Opção A (Incorreta): Embora Olympe de Gouges fosse abolicionista, o cerne de sua Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã era a igualdade de gênero e a cidadania feminina, e não a pauta abolicionista como condição principal para a igualdade entre homens e mulheres. Opção B (Incorreta): Olympe de Gouges era uma defensora dos ideais republicanos e não da manutenção da monarquia. Sua luta se inseria no contexto da própria Revolução. Opção D

(Incorreta): A Revolução Francesa tinha um forte caráter político-social (fim do Antigo Regime, estabelecimento da República, debate sobre direitos), não sendo "exclusivamente econômica". Opção E (Incorreta): A Revolução, especialmente na fase inicial e com o apoio da burguesia, lutava contra os privilégios do clero e da nobreza. A exclusão feminina não se deu por submissão a esses grupos, mas por um viés de gênero dentro do próprio movimento revolucionário.

### Questão 02:

**Descritor Língua Portuguesa: D3 (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão)**

Pela própria lei da natureza, as mulheres, tanto por elas como por seus filhos, estão à mercê do julgamento do homem: não basta que sejam bem-comportadas, é preciso que sejam reconhecidas como tal; sua honra não está apenas na sua conduta, está na sua reputação, e não é possível que a que consente em passar por infame seja um dia honesta. O homem, agindo bem, não depende senão de si e pode desafiar o juízo público; mas a mulher, agindo bem, só cumpre metade de sua tarefa, e o que pensam dela lhe importa tanto quanto o que é efetivamente (ROUSSEAU, 1995, p. 432).

A análise da questão feminina no Iluminismo revela a contradição inerente à matriz conceitual do movimento, pois, ao mesmo tempo em que criticava as estruturas de poder do Antigo Regime, a maioria de seus teóricos:

- A) Defendia o retorno aos modelos de organização social da Antiguidade Clássica, onde as mulheres exerciam o poder político nas cidades-Estado.
- B) Consagrou a Razão como fundamento da cidadania, mas, por meio de uma relação de poder baseada no gênero, restringiu a esfera de atuação feminina ao papel social e biológico da reprodução da vida na domesticidade.
- C) Promoveu a plena igualdade de direitos políticos para todas as classes sociais, dependendo apenas da comprovação de letramento e racionalidade.
- D) Aboliu a propriedade privada, permitindo que as mulheres assumissem o controle total da economia familiar e da produção rural.
- E) Rejeitou o conceito de Direitos Naturais, substituindo-o pelo princípio da Vontade Geral, que ignorava as distinções de gênero e classe.

B) Correta: Esta é a contradição central: o Iluminismo utilizou a Razão como o critério definidor da cidadania e da participação política. No entanto, por meio de uma relação de poder ancorada no patriarcado, a maioria dos pensadores iluministas negou essa mesma Razão às mulheres ou a considerou de ordem inferior (instrumental/emocional). A consequência direta foi a restrição espacial e social da mulher à esfera doméstica (a reprodução da vida), negando-lhe o acesso à esfera pública, política e produtiva. A) Incorreta: A participação política feminina na Antiguidade Clássica (Grécia, em particular) era extremamente limitada. O Iluminismo buscou um futuro racional, não um retorno ao passado político. C) Incorreta: O Iluminismo não promoveu a igualdade para todas as classes sociais. A cidadania era, inicialmente, restrita aos proprietários (voto censitário). Além disso, a igualdade de gênero foi explicitamente negada. D) Incorreta: O Iluminismo, por meio do Liberalismo de Locke e Smith, defendeu e santificou a propriedade privada, não a aboliu. E) Incorreta: O conceito de Direitos Naturais (Locke) é uma das bases mais importantes do Iluminismo. Rousseau utilizou o conceito de Vontade Geral, mas ainda assim a exclusão de gênero era uma realidade.

### Questão 03:

**Descritor Língua portuguesa: D6 (Identificar o tema de um texto)**

"A essência da nação moderna é que todos os seus cidadãos tenham muito em comum e, de preferência, uma só língua, uma só cultura e uma só memória histórica. [...] O Estado nacional, matriz política da modernidade, não nasce de uma identidade pré-existente, mas a constrói ativamente". (HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 105-108. Adaptado.)

Com base na análise de Eric Hobsbawm, assinale a alternativa que explica a relação entre a formação dos Estados Nacionais e as relações de poder no espaço:

- A) As nações modernas surgiram espontaneamente porque todas as pessoas de um território já falavam a mesma língua e tinham os mesmos costumes desde a Idade Média.
- B) O Estado-Nação atua como uma força homogeneizadora, utilizando instituições (como a escola) para impor uma cultura oficial e centralizada, muitas vezes suprimindo dialetos locais e culturas minoritárias para garantir a unidade do território e do mercado.
- C) A matriz política da modernidade valoriza a fragmentação, incentivando que cada cidade tenha suas próprias leis, moedas e exércitos, enfraquecendo o poder central em favor das autonomias locais.

D) O texto argumenta que a escola pública foi criada com o único objetivo de ensinar matemática e ciências, sem qualquer intenção de formar uma identidade patriótica ou disciplinar a população.

E) A formação dos Estados Nacionais na Europa e na América não alterou as fronteiras ou os fluxos populacionais, mantendo intacta a organização espacial do período feudal.

B está correta: A "Invenção da Tradição" e a construção da nacionalidade são processos de poder. Para criar um espaço econômico e político unificado (o Estado), a modernidade precisou apagar as diferenças locais (o camponês que falava dialeto vira o cidadão que fala a língua oficial). Isso é uma transformação radical do espaço e das relações sociais, criando a distinção "nós" (nacionais) versus "eles" (estrangeiros). A: Incorreta. Visão essencialista/romântica. Hobsbawm mostra que a nação é uma *construção*, não um dado natural. C: Incorreta. A lógica moderna é a centralização (monopólio da força e da lei), não a fragmentação feudal. D: Incorreta. A escola foi o principal vetor de nacionalização (ensino da língua, hino, história oficial). E: Incorreta. A criação de fronteiras rígidas e controladas é uma marca distintiva do Estado Moderno, alterando todos os fluxos.

#### Questão 04:

**Descritor Língua portuguesa: D3 (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).**

"Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso [...] Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso."

BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de história". In: *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 226.

Assinale a alternativa que interpreta corretamente a visão do autor sobre a modernização:

A) Para Benjamin, o progresso é um processo positivo e linear de melhoria contínua das cidades e da vida humana, onde as "ruínas" representam apenas os edifícios velhos que devem ser demolidos para dar lugar a construções modernas e higiênicas.

B) A visão hegemônica de modernidade entende a história como uma evolução constante, mas Benjamin denuncia que esse "progresso" é, na verdade, uma tempestade destrutiva que produz vítimas e escombros (sociais e espaciais), silenciando as tradições e os vencidos em nome de um futuro idealizado.

C) O "Angelus Novus" simboliza a proteção divina sobre as fábricas e as cidades industriais, indicando que a industrialização foi um processo guiado pela providência religiosa para salvar a humanidade da barbárie.

D) O texto defende que a única forma de alcançar o futuro é ignorar completamente o passado, pois a memória histórica atrapalha o desenvolvimento tecnológico e a reorganização racional dos espaços urbanos.

E) A tempestade mencionada no texto refere-se exclusivamente às catástrofes naturais (como furacões e enchentes) que atingiram a Europa no século XX, sem relação com as escolhas políticas ou econômicas da modernidade.

Por que a B está correta: A matriz conceitual hegemônica da modernidade é o "otimismo do progresso" (a ideia de que hoje é melhor que ontem). Benjamin inverte isso: o que as elites chamam de progresso (a tempestade), o anjo vê como catástrofe (ruínas). No contexto da habilidade, isso explica como a produção do espaço moderno muitas vezes envolve a destruição violenta de modos de vida anteriores, bairros e culturas, justificada pela ideologia do "novo". A: Incorreta. Benjamin critica a visão positiva; para ele, as ruínas não são lixo, são tragédias. C: Incorreta. A visão é secular e crítica, não de legitimação religiosa. D: Incorreta. O anjo "gostaria de deter-se" e olha para o passado; a modernidade hegemônica é que força o esquecimento. E: Incorreta. A tempestade é uma metáfora para o movimento histórico do progresso técnico e social, não um fenômeno meteorológico.

#### Questão 05:

**Descritor Língua Portuguesa: D3 (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão)**

A partir da década de 1970, pesquisadores começaram a dar maior atenção às diferenças e às tensões existentes no âmbito do pensamento do século XVIII. Desde então, tem sido publicado vários estudos sobre as especificidades do movimento iluminista em diversos contextos culturais. É significativo o relativo abandono de um tipo de interpretação que privilegia o contexto francês. O historiador norteamericano questiona a associação do Iluminismo

aos homens de letras de Paris. (KIRSCHNER, T. C. **Itinerários de um ilustrado luso-brasileiro**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009, p. 292).

Assinale a alternativa que melhor expressa essa renovação interpretativa sobre o movimento iluminista:

- A) O Iluminismo deve ser compreendido como um fenômeno múltiplo, marcado por diferentes expressões conforme os contextos históricos, culturais e políticos em que se desenvolveu.
- B) O pensamento iluminista foi um movimento homogêneo, cujas ideias centrais se originaram exclusivamente nos círculos intelectuais parisienses.
- C) As tensões internas do Iluminismo são irrelevantes para sua compreensão histórica, pois seus princípios foram universalmente aceitos.
- D) A historiografia recente reforça a centralidade da França como único espaço legítimo de produção do pensamento iluminista.
- E) As experiências iluministas fora da França representam desvios menores e pouco significativos em relação ao modelo original francês.

A alternativa correta é a A, ao refletir a renovação historiográfica que passou a reconhecer o Iluminismo como um movimento diverso, atravessado por tensões internas e adaptado a diferentes realidades históricas. Essa abordagem rompe com a visão tradicional que privilegiava o contexto francês, especialmente os homens de letras de Paris, e considera outras experiências iluministas, como as ocorridas na Escócia, na Alemanha, na Península Ibérica, nas colônias americanas e em outros espaços. As demais alternativas mantêm uma interpretação homogênea, centralizadora ou hierarquizante do Iluminismo, contrariando as pesquisas que destacam sua pluralidade e historicidade.

#### Questão 06:

**Descritor Língua Portuguesa: D3 (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão)**

Deslocar o começo da Revolução Francesa para o início de 1787 e a reunião dos Notáveis: esse deslocamento cronológico apresenta a dupla vantagem de datar mais exatamente a crise dos poderes tradicionais, e de integrar o que se costuma chamar “revolução aristocrática” à Revolução propriamente dita. Na teoria e na prática a monarquia absoluta morre nesse ano, quando os intendentos têm que dividir suas atribuições com assembleias eleitas, no interior das quais o Terceiro Estado tem uma representação dupla; não é somente a “aristocracia”, ou os parlamentares, que se precipita no vazio criado pelo desmoronamento rápido de sua autoridade, mas toda a sociedade política. (Fonte: FURET, François. *Pensando a revolução francesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 59).

A partir dessa perspectiva, assinale a alternativa que melhor expressa o significado desse deslocamento cronológico.

- A) A crise política de 1787 restringe-se aos conflitos entre a nobreza e o rei, sem impactos sobre a estrutura da sociedade política.
- B) O deslocamento cronológico reforça a ideia de que a Revolução foi um movimento exclusivamente popular, liderado pelo Terceiro Estado desde seu início.
- C) A reunião dos Notáveis representa um momento de fortalecimento da monarquia absoluta, que recupera sua autoridade política.
- D) A chamada “revolução aristocrática” deve ser entendida como um fenômeno isolado e sem relação com a Revolução Francesa propriamente dita.
- E) A Revolução Francesa passa a ser compreendida como um processo mais amplo e gradual, no qual a crise da monarquia absoluta envolve diferentes grupos sociais antes de 1789.

A alternativa correta é a E, pois o deslocamento do início da Revolução Francesa para 1787 permite compreendê-la como um processo histórico mais longo e complexo, marcado pela crise progressiva da monarquia absoluta e pela desagregação das formas tradicionais de poder. Essa interpretação integra a chamada “revolução aristocrática” ao movimento revolucionário, mostrando que não apenas a nobreza ou os parlamentares, mas toda a sociedade política foi afetada pelo colapso da autoridade real, especialmente quando os intendentos passaram a dividir suas funções com assembleias eleitas, nas quais o Terceiro Estado tinha representação ampliada. As demais alternativas são incorretas porque reforçam visões simplificadoras, seja ao restringir o processo a um único grupo social, seja ao negar a profundidade da crise política iniciada antes de 1789.

**QUADRO ORGANIZADOR**

**SEMANA 4**

**HABILIDADES E DESCRITORES UTILIZADOS NOS ITENS SEMANA 4**

Questão	Habilidade de Ciências Humanas (BNCC)	Descritores prioritários acionados		Gabarito
		Língua Portuguesa	Matemática	
01	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	<b>D12</b> (identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros).		C
02	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).		B
03	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	<b>D6</b> (Identificar o tema de um texto).		B
04	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).		B
05	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).		A

	como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.			
06	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão)		E

## SEMANA 05:

### HISTÓRIA

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Concepções históricas, culturais e políticas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Concepções de humanidade e cidadania e seus contextos políticos.</li> <li>● As influências históricas e culturais que moldaram as concepções e padrões de beleza em diferentes sociedades.</li> </ul>	Habilidade da BNCC de Ciências Humanas: (EM13CHS102) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e processos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, identificando resistências e transformações e avaliando criticamente conflitos e desigualdades sociais.

#### Resumo teórico

As questões a seguir se referem a ideia de que a cidadania é um conceito que se constrói historicamente e envolve a garantia de direitos que permitem ao indivíduo participar plenamente da vida em sociedade. Esses direitos podem ser entendidos em três dimensões complementares: civis, políticos e sociais. Os direitos civis asseguram a liberdade individual, a propriedade, a igualdade perante a lei e o direito à vida, garantindo que cada pessoa possa existir de forma autônoma e protegida dentro da comunidade. Já os direitos políticos permitem que os cidadãos influenciem as decisões coletivas, votando, sendo eleitos ou participando de mecanismos de deliberação, garantindo que a sociedade não seja apenas governada por imposição, mas que haja espaço para expressão e participação. Contudo, a existência isolada desses direitos não é suficiente para assegurar uma democracia real e efetiva. Para que a cidadania seja plena, é imprescindível a presença dos direitos sociais, que incluem acesso à educação, saúde, trabalho digno e salário justo, aposentadoria e outros mecanismos que possibilitem a participação de todos na riqueza produzida coletivamente. Sem esses direitos, a liberdade e a igualdade formal perdem significado prático, pois apenas quem dispõe de recursos e oportunidades consegue exercer plenamente seus direitos políticos e civis. O exercício da cidadania implica também uma mudança profunda na concepção de humanidade e no papel do indivíduo dentro da sociedade. Historicamente, a transição de súditos passivos, submetidos a poderes absolutos ou regimes de servidão, para sujeitos ativos, capazes de reivindicar direitos e influenciar coletivamente o rumo da comunidade, representa um avanço significativo. Esse processo transforma a percepção de si mesmo, deslocando o indivíduo de uma condição de submissão e dependência para a posição de protagonista da história, responsável

por suas escolhas e pela construção do bem comum. A cidadania não surge como um presente natural ou uma concessão oferecida pelos governantes, mas como resultado de conquistas históricas, fruto de lutas sociais, debates e pressões por igualdade e justiça.

O surgimento da cidadania moderna se dá em oposição a estruturas hierárquicas e de submissão, como o feudalismo e o Antigo Regime, nas quais os direitos eram restritos a grupos específicos e a maior parte da população não tinha autonomia nem acesso a mecanismos de participação política. Tornar-se cidadão significa, portanto, assumir um papel ativo na sociedade, reivindicar direitos e responsabilidades, e participar da vida coletiva de maneira plena. A cidadania é, assim, uma conquista contínua, que depende do equilíbrio e da integração entre direitos civis, políticos e sociais. Para que seja efetiva, ela exige atenção constante à justiça social, à igualdade de oportunidades e à inclusão de todos os indivíduos, garantindo que cada pessoa tenha condições reais de exercer sua liberdade, influenciar decisões e contribuir para a riqueza e o desenvolvimento da sociedade.

Além disso, a cidadania envolve também uma dimensão ética e cultural: ser cidadão é reconhecer a dignidade de todos os membros da sociedade, respeitar diferenças, colaborar para o bem comum e entender que os direitos de cada indivíduo estão interligados aos direitos de todos. Esse processo de construção da cidadania não é linear nem automático; ele depende de ações coletivas, participação social, educação política e engajamento constante, lembrando que a liberdade e a igualdade não são conquistas definitivas, mas responsabilidades a serem continuamente exercidas e ampliadas.

### Questões (Itens do Testlet)

"Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram, entretanto, a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, à aposentadoria. A cidadania não é um presente dos deuses ou dos governantes; é uma conquista constante. A cidadania instaura-se a partir da ruptura com a servidão, transformando a concepção de humanidade: deixamos de ser súditos passivos para nos tornarmos sujeitos ativos da história, rompendo com a ideia de concessão vinda de cima para baixo." (PINSKY, Jaime. Introdução. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História da Cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9).

**Descritor Língua Portuguesa: D1 (Localizar informações explícitas).**

1. O texto estabelece uma categorização dos direitos que compõem a cidadania plena. Segundo o autor, a simples existência de direitos civis (liberdade, propriedade) e políticos (voto) não é suficiente para assegurar a democracia porque:

- A) Eles excluem os estrangeiros residentes no país da participação econômica.
- B) A democracia depende exclusivamente da vontade divina ou da benevolência dos governantes.
- C) Falta a garantia dos direitos sociais, que permitem a participação na riqueza coletiva.
- D) Os direitos políticos atrapalham o funcionamento do livre mercado e da propriedade.
- E) A liberdade individual é incompatível com a organização de um sistema de saúde pública.

2. A concepção de humanidade apresentada no texto sofre uma alteração fundamental com o advento da cidadania. Essa mudança é descrita como a transição de:

- A) Escravos de guerra para servos da gleba protegidos pelo senhor feudal.
- B) Súditos passivos para sujeitos ativos e protagonistas da história.
- C) Cidadãos globais para indivíduos apátridas sem vínculo territorial.
- D) Trabalhadores rurais para operários urbanos alienados.
- E) Fiéis religiosos para ateus materialistas focados no consumo.

3. Considerando o contexto político abordado no texto, a origem da cidadania é definida como:

- A) Uma concessão outorgada pacificamente pelas elites políticas ("de cima para baixo").
- B) Um presente natural, inerente ao ser humano desde o seu nascimento biológico ("presente dos deuses").
- C) Um acordo diplomático entre nações para evitar guerras de fronteira.

- D) Uma conquista constante resultante de um processo de luta histórica.  
 E) Um status jurídico temporário que pode ser revogado se o indivíduo não pagar impostos.

4. O autor associa os "direitos sociais" a uma função específica dentro da estrutura da sociedade. Identifique a alternativa que corresponde a essa função conforme o texto:

- A) Garantir a participação do indivíduo na riqueza produzida coletivamente (ex: educação e saúde).  
 B) Assegurar a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa contra a censura.  
 C) Permitir a escolha de representantes através do voto direto e secreto.  
 D) Proteger a propriedade privada contra a intervenção do Estado.  
 E) Estabelecer a igualdade jurídica, onde todos são inocentes até prova em contrário.

5. Ao afirmar que a cidadania rompe com a "ruptura com a servidão", o texto situa o nascimento desse conceito de humanidade moderna em oposição a qual estrutura política e social anterior?

- A) Às democracias diretas da Grécia Antiga, onde todos já eram considerados iguais.  
 B) Ao comunismo primitivo, onde não havia Estado nem propriedade.  
 C) À estrutura do Antigo Regime e do feudalismo, baseada na submissão e estamentos.  
 D) Ao Estado de Bem-Estar Social do século XX, que garantia proteção excessiva.  
 E) Às ditaduras militares latino-americanas do século XX.

6. Assinale a alternativa que interpreta corretamente a natureza da cidadania:

- A) A cidadania é uma concessão benevolente do Estado, que decide, de cima para baixo, quais direitos devem ser outorgados à população para manter a ordem, dispensando a necessidade de mobilização popular.  
 B) O texto defende que a cidadania plena é atingida apenas com a garantia dos direitos civis (liberdade e propriedade), sendo os direitos sociais (saúde e educação) secundários e não essenciais para a manutenção da democracia.  
 C) A condição de cidadão é um processo histórico e de luta contínua ("conquista constante"), que marca a transição do indivíduo de uma posição de submissão passiva (súdito) para a de agente participativo (sujeito ativo) capaz de reivindicar direitos civis, políticos e sociais.  
 D) Ser cidadão resume-se ao exercício dos direitos políticos, especificamente o ato de votar e ser votado, uma vez que a participação na riqueza coletiva é uma questão econômica privada e não um direito de cidadania.  
 E) A cidadania é um conceito estático e imutável, cujos princípios foram definidos na Antiguidade Clássica e permanecem inalterados até hoje, não estando sujeitos a novas reivindicações ou ampliações.

### Gabarito

O gabarito evidencia que a cidadania é histórica, dinâmica e multidimensional. A resposta C na questão 1 mostra que direitos civis e políticos sozinhos não garantem democracia sem os direitos sociais, enquanto na questão 2, B indica que a cidadania transforma súditos passivos em sujeitos ativos. A questão 3, D, reforça que ela é uma conquista histórica, não uma concessão. A 4, A, destaca a função dos direitos sociais na participação coletiva, e a 5, C, aponta a ruptura com o feudalismo e o Antigo Regime. Por fim, a 6, C, resume que a cidadania é um processo contínuo de ampliação de direitos civis, políticos e sociais, tornando o indivíduo agente ativo na sociedade. Todas as demais alternativas estão incorretas por não refletirem esses princípios.

### QUADRO ORGANIZADOR

<b>SEMANA 5</b>				
<b>HABILIDADES E DESCRITORES UTILIZADOS NOS ITENS SEMANA 5</b>				
Questão	Habilidade de Ciências Humanas (BNCC)	Descritores prioritários acionados		Gabarito
		Língua Portuguesa	Matemática	
01	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os	<b>D1</b> (Localizar informações explícitas).		C

	processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.			
02	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D1 (Localizar informações explícitas).		B
03	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D1 (Localizar informações explícitas).	(Resolver problema envolvendo informações apresentadas em tabelas e gráficos).	D
04	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D1 (Localizar informações explícitas).		A
05	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D1 (Localizar informações explícitas).		C
06	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS102:</b> Analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais como produto das relações sociais, de poder, de produção e de reprodução da vida, relacionando-as com os processos de industrialização, urbanização e com os fluxos populacionais.	D1 (Localizar informações explícitas).		C

**SEMANA 06:****HISTÓRIA**

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
<ul style="list-style-type: none"> <li>Os impactos das Grandes Navegações.</li> </ul>	<p>A Reconfiguração dos Fluxos Populacionais Globais.</p> <p>Diáspora Africana e as Migrações Demográficas e Sociais Transatlântico de Pessoas entre os Continentes Africano e Americano.</p> <p>Análise do Tráfico Negreiro como o maior e mais violento fluxo populacional da história.</p>	<p><b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.</p>

**Resumo teórico**

As questões apresentadas permitem compreender o tráfico transatlântico de africanos escravizados e a colonização como elementos centrais da formação do mundo moderno e do capitalismo global. Longe de se tratar de migrações comuns ou de intercâmbios equilibrados entre continentes, esses processos foram marcados pela violência extrema, pela desumanização sistemática e pela transformação de pessoas em mercadorias. O tráfico negreiro distinguiu-se de qualquer outra forma de mobilidade populacional da Época Moderna pelo seu caráter compulsório e mercantil. Africanos, inclusive mulheres e crianças, eram capturados, acorrentados e transportados em condições degradantes, como descreve David Eltis. O objetivo não era preservar vidas, mas maximizar lucros, tratando seres humanos como “carga”. Essa lógica revela o processo de coisificação, no qual o indivíduo perde sua condição humana e passa a ser visto apenas como valor econômico.

Esse sistema violento foi fundamental para aquilo que Karl Marx denominou “acumulação primitiva de capital”. A riqueza que financiou o desenvolvimento do capitalismo europeu não surgiu de relações comerciais justas ou do progresso técnico isolado, mas da pilhagem colonial, do extermínio de povos indígenas, da exploração de metais preciosos e do trabalho escravizado nas *plantations* americanas. A ironia de Marx ao falar em “processos idílicos” denuncia justamente o caráter brutal e desigual dessas bases econômicas. A partir da perspectiva decolonial, autores como Aníbal Quijano e Achille Mbembe ajudam a compreender que a expansão marítima europeia inaugurou um padrão mundial de poder que articulou economia, dominação e raça. A classificação racial não foi apenas uma ideia cultural, mas um instrumento econômico: ao associar povos africanos e indígenas a uma suposta inferioridade natural, tornou-se possível impor a eles formas de trabalho coercitivas, não remuneradas ou extremamente violentas. Assim, o fluxo de riquezas para a Europa dependia diretamente da racialização da mão de obra na periferia do sistema. Nesse contexto, o Atlântico tornou-se o eixo central do capitalismo comercial. O tráfico negreiro integrou África, Europa e Américas em redes complexas de comércio triangular e bilateral, envolvendo elites africanas, traficantes europeus e colonos americanos. Ainda que houvesse participação de grupos locais africanos, essa dinâmica esteve inserida em um sistema global desigual, que desestruturou sociedades africanas, incentivou guerras, ampliou a dependência econômica e beneficiou sobretudo as potências coloniais.

A escravidão não terminava com a travessia do Atlântico. Nos mercados de escravos, como o do Valongo, no Rio de Janeiro, a lógica da mercadoria se aprofundava. Homens, mulheres e crianças eram examinados como animais, famílias eram separadas e laços afetivos destruídos deliberadamente. Essa prática visava não apenas facilitar a venda, mas também enfraquecer identidades, memórias e resistências, tornando os escravizados mais vulneráveis à exploração cotidiana. Refletir sobre essas questões permite ao estudante compreender que a escravidão e o tráfico negreiro não foram fenômenos marginais ou secundários, mas estruturantes da economia mundial moderna e das desigualdades que persistem até hoje. O racismo, a violência colonial e a exploração do trabalho não são heranças acidentais, mas partes constitutivas da formação do capitalismo e das relações entre centro e periferia no sistema global. Esse entendimento é fundamental para uma leitura crítica da história e para o reconhecimento das marcas profundas deixadas pela escravidão nas sociedades contemporâneas.

**Questão 01:**

**Descritor Matemática D34** (Resolver problema envolvendo informações).

“Fosse qual fosse o caminho percorrido, as condições a bordo refletiam o status de excluída que marcava as pessoas aprisionadas no porão. Nenhum europeu — fosse condenado, servo temporário ou imigrante livre miserável — jamais foi submetido ao ambiente que recebia o escravo africano típico no momento de embarque. Eram separados por sexo, mantidos nus, amontoados, sendo os homens acorrentados por longos períodos. Nada menos do que 26 por cento das pessoas a bordo eram classificadas como crianças, um índice do qual nenhuma outra migração anterior ao século XX sequer se aproxima”. (ELTIS, 2007)

A principal característica que distinguia o tráfico negreiro de outras formas de migração na Época Moderna era:

- A) A prioridade no transporte de mão de obra masculina e adulta para atender às demandas produtivas das colônias de exploração.
- B) A semelhança entre a condição jurídica dos servos temporários europeus e a dos africanos, ambos submetidos ao regime de escravidão.
- C) A institucionalização de um sistema de transporte que visava a desumanização do indivíduo e a comercialização de grupos vulneráveis.
- D) A implementação de medidas de higiene e separação por sexo para garantir a preservação do capital investido pelos traficantes.
- E) O caráter voluntário da migração de crianças africanas, motivada pelas crises demográficas no continente de origem.

C está correta: o texto de David Eltis enfatiza que o tratamento dado aos africanos era qualitativamente pior do que o de qualquer europeu pobre ou condenado. A menção à nudez forçada, ao uso de correntes e ao amontoamento no porão aponta para um processo de desumanização (transformar a pessoa em coisa/mercadoria). Além disso, o dado de que 26% eram crianças reforça que o tráfico não poupava grupos vulneráveis, tratando-os como carga comercial. Por que as outras estão incorretas? A: O texto contradiz essa afirmação ao destacar que o índice de crianças era altíssimo (26%), quebrando a ideia de que o fluxo era quase exclusivamente de homens adultos. B: O autor afirma o oposto: nenhum europeu (incluindo servos temporários) era submetido ao que o africano passava. A condição jurídica era distinta: o africano era propriedade definitiva, o servo europeu tinha um contrato temporário. D: Embora houvesse separação por sexo, o objetivo não era "preservação higiênica" ou bem-estar, mas o controle disciplinar. O "amontoamento" citado no texto prova que não havia preocupação com saúde. E: A migração africana no tráfico era forçada e compulsória, nunca voluntária, especialmente no caso de crianças.

### Questão 02:

Descritor Língua Portuguesa: D16 (Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados).

“A descoberta de ouro e prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagem das índias Orientais e a transformação da África num campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcam os albores da era da produção capitalista. Esses processos idílicos são os fatores fundamentais da acumulação capitalista.” (MARX, Karl. O Capital. Livro 1, vol. II).

Segundo a perspectiva marxista apresentada, a transição para o modo de produção capitalista foi garantida por meio do(a):

- A. Estabelecimento de relações comerciais equitativas entre as metrópoles e as colônias, visando o progresso mútuo das nações.
- B. Desenvolvimento técnico e tecnológico das manufaturas europeias, que tornou desnecessário o uso de mão de obra compulsória.
- C. Uso da violência e da exploração colonial como mecanismos motores para a concentração de riquezas nas mãos da burguesia europeia.
- D. Expansão da fé cristã, que civilizou os povos nativos e integrou as economias periféricas ao mercado global de forma pacífica.
- E. Consolidação do livre-cambismo internacional, que eliminou as barreiras alfandegárias entre as metrópoles e suas periferias.

A alternativa correta é a C porque, segundo Marx, a chamada Acumulação Primitiva de Capital não ocorreu de forma pacífica ou harmoniosa, mas foi marcada pelo uso sistemático da violência, da exploração colonial, da escravização e da pilhagem. Ao empregar o termo “processos idílicos” de modo irônico, Marx denuncia que a base do capitalismo europeu foi a concentração de riquezas obtida por meio do extermínio de populações indígenas, do trabalho forçado nas colônias americanas, da exploração da África e da pilhagem das riquezas coloniais, favorecendo diretamente a burguesia europeia. As alternativas incorretas distorcem essa interpretação marxista. A A é falsa porque não houve relações comerciais equitativas, mas exploração predatória. A B é incorreta porque o desenvolvimento técnico não eliminou a mão de obra compulsória; ao contrário, ela foi central nesse processo. A D está errada por romantizar a

colonização como civilizatória e pacífica, o que o texto nega explicitamente ao mencionar extermínio e escravização. A E também é incorreta, pois o período descrito corresponde ao mercantilismo, marcado por protecionismo e monopólios coloniais, e não pelo livre-cambismo, que só se consolidaria posteriormente. Assim, a alternativa C expressa fielmente a perspectiva marxista apresentada no texto.

### Questão 03:

**Descritor Língua Portuguesa: D4 (Identificar informações implícitas).**

"A América constituiu-se como o primeiro espaço/tempo de um novo padrão de poder de vocação mundial e, desse modo, como a primeira identidade da modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram: a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de 'raça', uma suposta estrutura biológica diferente que situava os uns em situação natural de inferioridade em relação aos outros; e a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial."

QUIJANO, Aníbal. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117. Adaptado.

Assinale a alternativa que explica corretamente a relação entre a "ideia de raça" e a "circulação de riquezas" nesse período:

- A) A ideia de raça serviu para impedir a circulação de mercadorias, uma vez que os europeus se recusavam a consumir produtos cultivados por populações indígenas ou africanas, travando o desenvolvimento do capitalismo comercial.
- B) A Expansão Marítima promoveu uma distribuição equitativa do capital, pois a mão de obra assalariada foi implantada simultaneamente na Europa e na América, gerando um mercado consumidor homogêneo em ambos os continentes.
- C) A dinâmica do capital na modernidade dependeu da classificação racial para baratear a mão de obra: formas de trabalho não remuneradas ou coercitivas (escavidão, servidão) foram impostas às populações "não brancas" (mercadoria-trabalho) para maximizar a acumulação de riquezas que fluíam para o centro europeu.
- D) O texto defende que a religião, e não a economia, foi o único motor da mobilidade populacional, sendo a extração de ouro e prata um aspecto secundário e sem impacto na formação do mercado mundial.
- E) A fixação dos povos europeus na América ocorreu sem conflitos econômicos, pois os indígenas cederam suas terras voluntariamente em troca da tecnologia e dos produtos manufaturados trazidos pelo livre mercado atlântico.

C está correta: A questão conecta diretamente os eixos da habilidade (dinâmica do capital e populações). A teoria decolonial explica que o capitalismo mundial (acumulação de capital no centro) só foi possível porque, na periferia, o trabalho foi racializado. Populações inteiras (indígenas e africanos) foram fixadas em regimes de trabalho forçado para garantir o fluxo barato de mercadorias (açúcar, metais) para a Europa. Por que as demais estão erradas: A: Incorreta. Pelo contrário, a Europa consumia avidamente os produtos (açúcar, tabaco, café) produzidos por essa mão de obra. B: Incorreta. A marca da colonialidade é a desigualdade: trabalho livre no centro, trabalho forçado na periferia. D: Incorreta. Quijano enfatiza o controle do trabalho e do mercado mundial como eixos centrais, ao lado da raça. E: Incorreta. Ignora a violência da expropriação territorial e a lógica mercantilista de monopólio, não de "livre mercado" no sentido moderno.

### Questão 04:

**Descritor Língua Portuguesa: D4 (Identificar informações implícitas).**

"A troca de mercadorias e de escravos constituiu a parte mais dinâmica da economia-mundo europeia. O Atlântico tornou-se o centro do capitalismo comercial. [...] O escravo é aquele que foi arrancado de sua terra, de sua língua, de seus deuses. É aquele que foi transformado em peça, em coisa, em moeda. A mobilidade forçada de milhões de africanos através do Atlântico não foi uma migração, foi um deslocamento de 'capital vivo' para mover a máquina de produção das *plantations*." (MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014, p. 28-30. Adaptado).

A dinâmica populacional do tráfico transatlântico de escravizados deve ser entendido como:

- A) O tráfico deve ser analisado como um fluxo migratório espontâneo, motivado pelo desejo dos africanos de buscar melhores condições de vida nas colônias agrícolas da América.

B) Trata-se de uma dinâmica de mobilidade onde o ser humano é desumanizado e convertido em mercadoria (bem de capital), sendo deslocado forçosamente para atender à demanda de produção de *commodities* agrícolas no Novo Mundo.

C) A mobilidade africana para a América foi um evento cultural e religioso, visando a expansão do islamismo e de cultos tradicionais para novos territórios, sem relação direta com a economia de *plantation*.

D) O texto sugere que a escravidão foi um fenômeno marginal na economia-mundo, pois a maior parte da riqueza europeia advinha do comércio interno entre os reinos do próprio continente, sem depender da mão de obra fixada nas colônias.

E) A fixação dos africanos na América ocorreu em zonas urbanas industriais, onde eles atuavam como parceiros comerciais livres, integrando-se rapidamente à classe média colonial.

Por que a B está correta: Esta alternativa sintetiza a tragédia da "mobilidade" na expansão ultramarina. O deslocamento não é migração (escolha), é deportação e comércio. O ser humano vira "mercadoria" (a peça) para produzir outra "mercadoria" (o açúcar/algodão). É a fusão total entre a dinâmica populacional e a dinâmica do capital.

A: Incorreta. O termo "espontâneo" falseia a realidade histórica da coação e violência do tráfico negreiro. C: Incorreta. Embora a cultura tenha viajado com as pessoas, a *motivação* do deslocamento (pelo agente europeu) era puramente econômica e de exploração. D: Incorreta. O comércio triangular (Atlântico) foi o motor central da acumulação primitiva de capital na Europa. E: Incorreta. A fixação foi predominantemente rural (latifúndio monocultor) e na condição de escravizados, não de parceiros livres.

#### Questão 05:

**Descritor Língua Portuguesa: D4** (Identificar informações implícitas).

As quatro principais rotas dos navios negreiros que ligaram o continente africano ao Brasil foram as da Guiné, Mina, Angola e Moçambique. Elas concentravam o comércio de seres humanos que, na maioria dos casos, eram aprisionados em guerras feitas por chefes tribais, reis ou sobas africanos para esse fim. Os traficantes, principalmente portugueses, mas também de outras nações europeias e posteriormente brasileiros, obtinham os prisioneiros em troca de armas de fogo, tecidos, espelhos, utensílios de vidro, de ferro, tabaco e aguardente, entre outros. (Rotas da escravidão. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/rotas-da-escravidao/>).

Considerando o texto e o contexto histórico do tráfico transatlântico de escravizados entre os séculos XVI e XIX, a dinâmica comercial estabelecida entre a África e o Brasil caracterizava-se por:

A) Uma relação de equilíbrio comercial baseada no escambo de produtos manufaturados por matérias-primas agrícolas.

B) Um sistema de "comércio triangular" e "bilateral" que integrava diversas regiões do Atlântico em uma rede de dependência mútua e exploração.

C) Uma ocupação militar efetiva do interior do continente africano pelas metrópoles europeias para a captura direta de mão de obra.

D) Um isolamento das elites africanas, que se recusavam a participar do comércio de seres humanos devido a questões religiosas.

E) Uma hegemonia exclusiva de traficantes ingleses, que detinham o monopólio das rotas de Angola e Moçambique até a abolição definitiva.

A questão aborda a complexidade do tráfico negreiro, que não era apenas uma atividade de transporte, mas um pilar do sistema econômico global da época. A B está correta: o texto descreve o que historiadores chamam de "tráfico bilateral" (diretamente entre Brasil e África, especialmente com fumo e cachaça) e o "comércio triangular" (envolvendo Europa, África e Américas). A rede integrava interesses de elites locais africanas e traficantes europeus/brasileiros, criando uma engrenagem de dependência econômica e social baseada na coisificação do ser humano. Por que as outras estão incorretas? A: Não havia equilíbrio, mas sim um processo de desestruturação social na África e acumulação de capital na Europa/Américas. C: A ocupação do *interior* africano (imperialismo) só ocorreria no final do século XIX. No período do tráfico, os europeus ficavam majoritariamente em feitorias no litoral. D: O texto afirma explicitamente que chefes locais participavam do processo, muitas vezes pressionados pela lógica de guerra e obtenção de armas. E: Embora a Inglaterra tenha dominado os mares, o texto e a história confirmam a hegemonia de portugueses e, mais tarde, de luso-brasileiros nas rotas para o Brasil.

#### Questão 06:

**Descritor Língua Portuguesa: D6** (Identificar o tema de um texto).

É importante registrar que o negro era tratado como mercadoria, não havendo preocupação alguma em se respeitar sua natureza humana. No mercado do Vallongo, no Rio de Janeiro, gravuras e descrições mostram negros à venda sendo examinados com animais: pais e filhos eram separados sem o menor problemas por compradores que não tinham, eventualmente, interesse na família inteira (...). E ter sido tratado como mercadoria foi uma das maiores violências perpetradas contra o povo negro. (PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022, p. 44-45).

A descrição do Mercado do Valongo no Rio de Janeiro do século XIX revela uma faceta fundamental do sistema escravista brasileiro. A estratégia de dominação descrita no texto visava, primordialmente:

- A) Fomentar a miscigenação étnica para integrar os cativos à cultura luso-brasileira.
- B) Implementar uma gestão técnica da mão de obra baseada na preservação dos laços afetivos.
- C) Consolidar o processo de desumanização (coisificação) do indivíduo para viabilizar sua exploração econômica.
- D) Estimular a produtividade agrícola por meio de incentivos psicológicos e familiares aos escravizados.
- E) Organizar o mercado de trabalho urbano conforme as leis de proteção ao trabalhador, vigentes na Metrópole.

A questão foca no conceito de "coisificação" (ou reificação) do ser humano, que é o cerne do sistema escravista colonial e imperial. A C está correta: ao tratar o ser humano como "mercadoria" e compará-lo a "animais" em exames físicos, o sistema retirava a subjetividade e a dignidade do indivíduo. A separação de famílias era uma ferramenta de controle social, pois ao destruir os laços de parentesco e a identidade original, o sistema buscava tornar o cativo mais dócil e dependente do senhor, facilitando sua exploração como objeto de lucro. Por que as outras estão incorretas? A: A miscigenação ocorreu, mas não era o objetivo do mercado do Valongo, que visava apenas a comercialização. B: O texto diz exatamente o contrário: não havia preocupação com laços afetivos. D: O sistema escravista baseava-se na coerção e no medo, e não em incentivos psicológicos positivos. E: No século XIX, não existiam leis de proteção ao trabalhador escravizado; o negro era regido pelo direito de propriedade e não pelo direito do trabalho.

## QUADRO ORGANIZADOR

### SEMANA 6

#### HABILIDADES E DESCRITORES UTILIZADOS NOS ITENS SEMANA 6

Questão	Habilidade de Ciências Humanas (BNCC)	Descritores prioritários acionados		Gabarito
		Língua Portuguesa	Matemática	
01	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.		<b>D34</b> (Resolver problema envolvendo informações).	C
02	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo	<b>D16</b> (Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados).		C

	a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.			
03	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>Descritor Língua Portuguesa: D4</b> (Identificar informações implícitas).		C
04	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D4</b> (Identificar informações implícitas).		B
05	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D4</b> (Identificar informações implícitas).		B
06	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos	<b>D6</b> (Identificar o tema de um texto).		C

	continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.			
--	--	--	--	--

## SEMANA 07:

### HISTÓRIA

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Imperialismo do século XIX	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Imperialismo</li> <li>o e Neocolonialismo</li> <li>● A mobilidade e fixação de pessoas, grupos humanos e povos em diferentes regiões e continentes.</li> </ul>	Habilidade da BNCC de Ciências Humanas: (EM13CHS102) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e processos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, identificando resistências e transformações e avaliando criticamente conflitos e desigualdades sociais.

#### Resumo teórico

O conjunto de questões apresentadas permite compreender o Imperialismo e a colonização dos séculos XIX e início do XX como processos históricos complexos, marcados pela articulação entre interesses econômicos, projetos políticos e discursos ideológicos que buscavam legitimar a dominação europeia sobre vastas regiões da África e da Ásia. Longe de serem apenas empreendimentos militares, esses processos envolveram a reorganização do espaço, da economia, das culturas e das relações sociais nos territórios colonizados. No auge do Imperialismo, as potências europeias buscavam novos mercados consumidores, fontes de matérias-primas e áreas para investimento de capitais excedentes, especialmente diante do avanço do protecionismo adotado por países industrializados concorrentes, como Alemanha e Estados Unidos. Ao mesmo tempo, essa expansão era justificada por ideologias como a “missão civilizadora”, o “fardo do homem branco” e o darwinismo social, que afirmavam a suposta superioridade cultural, racial e moral da Europa. Esses discursos transformavam a dominação econômica e política em uma obrigação moral, naturalizando a violência colonial.

A organização do espaço colonial refletia diretamente essa lógica. Ferrovias, portos, telégrafos e estradas não tinham como objetivo integrar os territórios colonizados ou promover o desenvolvimento interno, mas sim facilitar o escoamento de matérias-primas para as metrópoles e o controle administrativo e militar das colônias. Dessa forma, consolidou-se uma Divisão Internacional do Trabalho profundamente desigual, na qual as colônias foram especializadas na produção primária e mantidas em condição de dependência econômica.

A Conferência de Berlim (1884–1885) exemplifica o caráter arbitrário e violento do neocolonialismo. Ao estabelecer regras para a partilha da África sem qualquer consulta às populações locais, as potências europeias impuseram fronteiras artificiais que desconsideraram etnias, línguas e organizações políticas preexistentes. Essa reorganização forçada do espaço africano gerou tensões e conflitos que, em muitos casos, persistem até os dias atuais, demonstrando como as decisões imperialistas tiveram impactos duradouros. As fontes visuais do período, como caricaturas e charges, também revelam aspectos centrais do imperialismo. Projetos como o “Cabo ao Cairo”, simbolizado na figura de Cecil Rhodes, expressam a fusão entre capital privado, Estado e infraestrutura, evidenciando que a tecnologia era utilizada como instrumento de dominação e exploração. Da mesma forma, a publicidade de produtos europeus, como o sabão, incorporava ideias racistas e civilizatórias, associando o consumo de mercadorias industriais à noção de progresso, limpeza e superioridade cultural, fenômeno conhecido como “racismo de mercadoria”.

Por fim, os efeitos da colonização sobre as sociedades colonizadas foram profundamente destrutivos. A imposição de economias voltadas para o exterior, a dissolução de estruturas tradicionais de produção e propriedade, o trabalho forçado e a cobrança de impostos desestruturaram modos de vida ancestrais, provocando empobrecimento, fome e exclusão social. Como mostram os exemplos da Índia, do Congo e da Argélia, a colonização não substituiu essas estruturas por sistemas capazes de garantir melhores condições de vida, mas aprofundou desigualdades e dependências. Refletir sobre essas questões permite ao aluno compreender que o Imperialismo não foi um processo neutro ou benéfico, mas um fenômeno histórico marcado por exploração, violência e construção de estigmas culturais que ainda influenciam as relações internacionais e as desigualdades globais contemporâneas. Esse olhar crítico é fundamental para questionar narrativas eurocêntricas e reconhecer as múltiplas experiências e resistências dos povos colonizados.

### Questão 01:

**Descritor Língua Portuguesa D20** (Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos).

**TEXTO I** “De fato, o principal arquiteto francês do colonialismo e do expansionismo imperial, o socialista Jules Ferry, justificava economicamente a expansão do seu país pela necessidade de mercados, já que Alemanha e Estados Unidos se fechavam no protecionismo. Politicamente, ele a legitimava pela missão civilizadora [...]. Havia também, para os grandes países europeus, o prestígio político e o orgulho patriótico vinculados ao fato de possuir possessões ultramarinas.” (ALMEIDA, P. R. **Os imperialismos europeus e o impacto econômico das guerras globais do século XX**. Rev. Bra. Est. Def., 2015).

**TEXTO II** “No terreno das ideias, a certeza da missão civilizadora imperial era aceita por todos os líderes políticos dos países avançados, comprometidos em levar as concepções europeias aos lugares mais distantes da África e da Ásia, assumindo assim o ‘fardo do Homem Branco’, tal como expresso numa fórmula conhecida do famoso poeta inglês Rudyard Kipling.” (ALMEIDA, P. R. **Os imperialismos europeus e o impacto econômico das guerras globais do século XX**. Rev. Bra. Est. Def., 2015).

No final do século XIX, a “disputa pela África” e a expansão na Ásia marcaram o auge do Imperialismo. A leitura dos textos revela que a projeção de poder das nações europeias nesse período não se baseou apenas na força militar, mas articulou interesses econômicos e discursos ideológicos. Essa articulação é caracterizada pela:

- A) Promoção do livre-comércio irrestrito entre todas as nações, abandonando as barreiras alfandegárias para permitir o desenvolvimento autônomo das colônias africanas.
- B) Concentração dos esforços coloniais na América Latina, visto que a África e a Ásia já possuíam Estados nacionais consolidados e economias industrializadas que repeliram a invasão europeia.
- C) Combinação entre a busca por mercados consumidores protegidos — em resposta ao protecionismo de rivais industriais — e a legitimação da dominação através da crença na superioridade cultural e civilizatória europeia.
- D) Desmilitarização das potências europeias, que preferiram resolver a partilha dos territórios ultramarinos exclusivamente através de acordos diplomáticos pacíficos, sem o uso de “diplomacia das canhoneiras”.
- E) Rejeição do conceito de “prestígio nacional”, uma vez que as colônias eram vistas pelos governos europeus apenas como fardos financeiros desnecessários, sem valor simbólico para o orgulho patriótico.

A está incorreta: O texto menciona explicitamente que potências como a Alemanha e os EUA “se fechavam no protecionismo” e que a Grã-Bretanha, embora liberal, competia em um mundo que se tornava protecionista. Além disso, a dominação era imposta, não visando o desenvolvimento autônomo das colônias. B está incorreta: A fonte afirma que “os grandes problemas imperiais nessa época se referiam bem mais às questões de conquista e absorção de territórios africanos [...] do que propriamente a América Latina, já consolidada em Estados nacionais”. C está correta: O Texto I (baseado no índice) explica que a expansão era justificada pela “necessidade de mercados” frente ao fechamento protecionista de rivais. Simultaneamente, o Texto II (baseado no índice) destaca a “missão civilizadora” e o “fardo do Homem Branco” como a ideologia que legitimava essa dominação, tratando-a como um dever moral das nações “avançadas”. D está incorreta: A fonte cita o uso da “diplomacia da canhoneira” e o “esplendor militarista” do imperialismo, além de mencionar que a modernização tecnológica militar foi fundamental para a conquista e eventual conflito mundial. E está incorreta: O texto ressalta que havia “o prestígio político e o orgulho patriótico vinculados ao fato de possuir possessões ultramarinas”, contradizendo a ideia de que não havia valor simbólico.

### Questão 02:

**Descritor Língua Portuguesa D3** (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).

"Esse foi o momento em que o mundo se tornou uma unidade única. [...] Mas era fundamentalmente um mundo dividido. A economia mundial do século XIX consistia em duas partes: uma parte 'desenvolvida', industrializada e dominante, e uma parte 'subdesenvolvida', agrícola e dependente. A função das colônias era complementar a economia das metrópoles: fornecer matérias-primas baratas e consumir produtos industrializados. [...] As ferrovias e os portos construídos na periferia não serviam para integrar o país, mas para drenar suas riquezas para fora." (HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, p. 56-59.

Adaptado).

Eric Hobsbawm descreve a configuração espacial e econômica do mundo imperialista. Assinale a alternativa que caracteriza corretamente a organização do espaço colonial no século XIX.

A) A infraestrutura construída pelos europeus nas colônias (ferrovias e telégrafos) tinha como objetivo principal integrar as diversas tribos e regiões locais, promovendo a unidade nacional e o desenvolvimento interno autônomo dos povos colonizados.

B) A Divisão Internacional do Trabalho estabelecida pelo imperialismo permitiu que as colônias se industrializassem rapidamente, competindo de igual para igual com as metrópoles na produção de bens de alta tecnologia.

C) A dinâmica das mercadorias baseava-se em um fluxo desigual: as colônias eram especializadas na extração de produtos primários (borracha, minérios, algodão) que eram transportados por ferrovias voltadas para os portos exportadores, consolidando uma economia de dependência externa.

D) O texto afirma que a divisão entre "desenvolvidos" e "subdesenvolvidos" foi superada no final do século XIX, quando as potências europeias transferiram gratuitamente suas fábricas para a Ásia e a África.

E) A mobilidade de pessoas e mercadorias no período imperialista foi restrita ao continente europeu, pois o comércio ultramarino era considerado perigoso e pouco lucrativo pelas elites burguesas.

**Por que a C está correta:** A questão foca na "dinâmica das mercadorias" e na infraestrutura. No imperialismo, o espaço da colônia é organizado "para fora" (modelo exportador). As ferrovias não ligavam cidade A com cidade B dentro da colônia, mas ligavam a zona de produção (mina/plantação) diretamente ao porto. Isso fixava a colônia na posição de fornecedora de matéria-prima na Divisão Internacional do Trabalho, criando uma dependência estrutural. **A:** Incorreta. A infraestrutura era "drenadora" de recursos, não integradora nacional. **B:** Incorreta. As metrópoles proibiam ou desestimulavam a industrialização das colônias para garantir mercado para seus próprios manufaturados. **D:** Incorreta. A divisão se aprofundou, criando o abismo entre o Norte e o Sul global que persiste. **E:** Incorreta. O comércio ultramarino explodiu em volume e valor, sendo o centro da economia global da época (Primeira Globalização).

**Questão 03:**

**Descritor Língua Portuguesa D3 (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).**

"A Conferência de Berlim (1884-1885) não partilhou a África; ela apenas estabeleceu as regras para essa partilha. [...] O mapa da África foi desenhado nos gabinetes europeus, com régua e compasso, ignorando completamente a geografia humana e política do continente. Etnias foram divididas, nações rivais foram forçadas a viver juntas. Essas fronteiras artificiais, traçadas para atender à lógica de equilíbrio de poder entre as potências europeias, tornaram-se 'camisas de força' que aprisionaram os povos africanos e geraram conflitos que perduram até hoje."

(KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. 3. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999, p. 32-35. Adaptado).

A Conferência de Berlim é o evento político central do neocolonialismo na África. Assinale a alternativa que descreve corretamente as consequências espaciais e demográficas desse evento.

A) A demarcação de fronteiras na África respeitou rigorosamente as divisões linguísticas e culturais pré-existentes, garantindo que cada grupo étnico tivesse seu próprio Estado-Nação soberano.

B) As fronteiras artificiais criadas pelo imperialismo reorganizaram o espaço africano de acordo com os interesses geopolíticos europeus, desestruturando sociedades locais ao separar grupos pertencentes à mesma etnia ou unir grupos historicamente rivais sob uma mesma administração colonial.

C) A Conferência de Berlim determinou que a ocupação do território africano só poderia ocorrer mediante referendos populares, nos quais as populações locais votavam se aceitavam ou não a presença europeia.

D) A fixação de fronteiras rígidas na África facilitou a livre circulação de pessoas e mercadorias entre as colônias, criando uma zona de livre comércio continental semelhante à União Europeia atual.

E) O texto defende que a "régua e o compasso" foram usados apenas para planejar ferrovias, sem interferir na organização política ou nos limites territoriais dos reinos africanos.

**A B está correta:** A questão aborda a imposição externa de uma organização espacial ("fixação de grupos humanos"). As potências europeias ignoraram a "dinâmica das populações" locais (etnias, línguas, reinos) e impuseram fronteiras retilíneas baseadas apenas em acordos diplomáticos entre elas (interesses geopolíticos). Isso criou a base para inúmeros conflitos civis pós-independência, pois a "nação" desenhada no mapa não

correspondia à realidade social do território. **A:** Incorreta. O desrespeito às etnias foi a regra, não a exceção. **C:** Incorreta. Não houve consulta democrática; foi uma imposição unilateral e violenta. **D:** Incorreta. As fronteiras coloniais eram barreiras rígidas para controlar o fluxo de mercadorias para a metrópole, impedindo o comércio interafricano. **E:** Incorreta. A metáfora da régua refere-se ao traçado das fronteiras políticas nos mapas (linhas retas no deserto, por exemplo).

**Questão 04:**

**Descritor Língua Portuguesa D5** (Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso - propaga quadrinhos, foto, etc.).



A caricatura acima, publicada na revista britânica *Punch* em 1892, retrata o magnata e político Cecil Rhodes como um gigante sobre o continente africano, segurando uma linha de telégrafo que conecta a Cidade do Cabo (África do Sul) ao Cairo (Egito). Considerando a imagem, assinale a alternativa que interpreta corretamente o projeto imperialista britânico representado:

- A) A imagem critica a megalomania de Cecil Rhodes, sugerindo que seu projeto de conectar a África visava apenas a promoção do turismo de aventura, sem qualquer intenção de exploração econômica ou domínio territorial.
- B) A representação do "Colosso" simboliza o projeto geopolítico britânico de criar um corredor contínuo de dominação norte-sul na África ("do Cabo ao Cairo"), onde a construção de ferrovias e telégrafos serviria para agilizar o fluxo de mercadorias, tropas e capital, consolidando a hegemonia inglesa no continente.
- C) O fio de telégrafo nas mãos de Rhodes indica que o Imperialismo do século XIX foi marcado pela transferência gratuita de tecnologia de comunicação para os povos africanos, com o objetivo de promover a integração democrática entre as diversas etnias do continente.
- D) A postura de Rhodes demonstra o respeito europeu pelas fronteiras naturais e políticas dos reinos africanos, uma vez que seus pés evitam pisar nas áreas produtivas, indicando uma política de não-intervenção nos assuntos locais.
- E) A caricatura celebra a independência das nações africanas, mostrando Rhodes como um gigante protetor que expulsou outras potências europeias para garantir a soberania dos povos locais sobre seus recursos minerais.

**B está correta:** A imagem é o ícone do projeto "Do Cabo ao Cairo". Cecil Rhodes, dono de minas de diamantes e político, personifica a fusão entre *Capital e Estado*. A infraestrutura (ferrovia e telégrafo) não era para o bem-estar da população local, mas para garantir a **mobilidade** rápida do exército imperial e o escoamento eficiente das riquezas (diamantes, ouro) para a metrópole. É a materialização espacial do poder imperial. **Porque as demais estão erradas:** **A:** Incorreta. O projeto era essencialmente econômico (exploração mineral) e geopolítico, não turístico. **C:** Incorreta. A tecnologia era uma ferramenta de controle administrativo e militar, não de democratização. **D:** Incorreta. A imagem sugere posse e domínio total sobre o mapa, ignorando qualquer fronteira local. **E:** Incorreta. Rhodes foi um dos principais agentes da colonização e expropriação de terras (a Rodésia levou seu nome), o oposto de um defensor da soberania africana.

**Questão 05:**

**Descritor Língua Portuguesa D5** (Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso - propaga quadrinhos, foto, etc.).



A charge faz apologia ao poema de Kipling mostrando um britânico carregando seu fardo. Nos personagens, está escrito: Zulu, China, Egito e Índia. As pedras no caminho do britânico trazem escrito: brutalidade, escravidão, ignorância, canibalismo, crueldade. Charge, Estados Unidos, 1899.

Relacionando a fonte visual com as dinâmicas culturais e de mercadorias, assinale a alternativa que explica como o consumo de produtos europeus era justificado ideologicamente:

- A) A propaganda demonstra que o comércio imperialista era baseado na troca justa de saberes, onde os europeus aprendiam técnicas de higiene com os povos nativos e, em troca, ofereciam produtos manufaturados.
- B) A imagem reflete o "Darwinismo Social", sugerindo que a "civilização" era um estágio biológico superior que poderia ser alcançado através do consumo de mercadorias europeias. O ato de limpar/lavar simboliza, metaforicamente, a "purificação" da cultura nativa considerada "suja" ou "bárbara" pelo colonizador.
- C) O anúncio comprova que as empresas europeias do século XIX não tinham preconceitos raciais, pois utilizavam imagens de diversos povos em suas propagandas apenas para celebrar a diversidade cultural do Império Britânico.
- D) A referência ao "Fardo do Homem Branco" na publicidade é uma crítica irônica da empresa de sabão ao colonialismo, denunciando o trabalho exaustivo e injusto que os militares brancos eram obrigados a realizar nas colônias.
- E) A circulação de sabão nas colônias tinha como único objetivo combater epidemias locais, sem qualquer relação com a imposição de valores culturais ocidentais ou com a ideia de superioridade racial.

**B está correta:** Esta questão trabalha o conceito de "**Racismo de Mercadoria**". No imaginário imperialista, a "civilização" não era apenas uma questão política, mas doméstica e comportamental. O produto industrial (o sabão) torna-se o agente da "missão civilizadora". A imagem sugere que a cultura do "Outro" é suja/atrasada e que o consumo do produto europeu (dinâmica da mercadoria) é o caminho para o progresso e a brancura moral/física. **Porque as demais estão erradas:** **A:** Incorreta. A relação era hierárquica e unidirecional: o europeu ensina, o nativo obedece/compra. **C:** Incorreta. A imagem é explicitamente racista, colocando o nativo em posição de subalternidade ou infantilidade. **D:** Incorreta. O "Fardo" era interpretado seriamente como a "obrigação moral" do branco de civilizar o mundo; a propaganda reforça isso, não critica. **E:** Incorreta. Embora a higiene fosse um tema, no contexto do anúncio ela é uma metáfora para a superioridade cultural e racial (limpeza = civilização ocidental).

## 6ª Questão

**Descritor Língua Portuguesa D5** (Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso - propaga quadrinhos, foto, etc.).

A colonização, na medida em que representou a ocidentalização do mundo, destruiu estruturas tradicionais, que muitas vezes não se recompuseram, e nada construiu em seu lugar. Na Índia, o artesanato desapareceu. No Congo, os belgas obrigaram as populações nativas a executar trabalhos forçados e a pagar impostos. Na Argélia, a fim de liberar mão-de-obra, os franceses destruíram a propriedade coletiva do solo e o trabalho comunitário, o que levou muitas pessoas à fome e à indigência. (ARRUDA, José J. de; PILETTI, Nelson. **Toda a história**. São Paulo: Ática, 1996, p. 240).

O texto descreve alguns efeitos da colonização europeia em diferentes regiões da África e da Ásia. A partir dele, é correto afirmar que a colonização:

- a) promoveu o desenvolvimento econômico equilibrado das sociedades colonizadas, respeitando suas tradições culturais.

- b) substituiu as estruturas tradicionais por sistemas modernos que garantiram melhores condições de vida às populações locais.
- c) causou a destruição de formas tradicionais de organização social e econômica, sem oferecer alternativas capazes de atender às necessidades das populações colonizadas.
- d) contribuiu para a integração harmoniosa entre colonizadores e colonizados, gerando prosperidade coletiva.
- e) teve impactos limitados às elites locais, não afetando diretamente a vida da maioria da população nativa.

A alternativa correta é a **letra c**, pois o texto destaca que a colonização destruiu estruturas tradicionais, como o artesanato na Índia, a organização do trabalho no Congo e a propriedade coletiva da terra na Argélia, sem construir sistemas que garantissem condições dignas de vida às populações locais, resultando em exploração, fome e miséria.

## QUADRO ORGANIZADOR

### SEMANA 7 HABILIDADES E DESCRITORES UTILIZADOS NOS ITENS SEMANA 7

Questão	Habilidade de Ciências Humanas (BNCC)	Descritores prioritários acionados		Gabarito
		Língua Portuguesa	Matemática	
01	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D20</b> (Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos).		C
02	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).		C
03	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão).		B

	naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.			
04	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D5</b> (Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso - propagandas, quadrinhos, foto, etc.).		B
05	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D5</b> (Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso - propagandas, quadrinhos, foto, etc.).		B
06	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D5</b> (Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso - propagandas, quadrinhos, foto, etc.).		C

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
<ul style="list-style-type: none"> <li>Amazônia: populações, mercadorias, capitais e deslocamentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dominação e colonização europeia da Amazônia.</li> <li>Economia da borracha e deslocamentos populacionais.</li> <li>Integração da Amazônia (anos 1960-1970)</li> </ul>	<b>Habilidade BNCC- EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles

### Resumo teórico

As questões a seguir abordam diferentes interpretações históricas sobre a Amazônia e sua inserção em processos mais amplos da história mundial, como a colonização europeia, a formação de sociedades coloniais, a construção de imaginários sobre a região e a difusão de valores culturais ligados à modernidade burguesa. Em conjunto, elas permitem compreender a Amazônia não como um espaço isolado ou vazio, mas como uma região profundamente conectada às dinâmicas econômicas, sociais e culturais globais desde o início da colonização. A partir do século XVII, a Amazônia foi integrada à economia-mundo por meio da exploração das chamadas “drogas do sertão”, do cultivo de gêneros agrícolas e da implantação do sistema de sesmarias e engenhos. Esse processo não ocorreu em um território desabitado, mas em áreas ocupadas por inúmeros povos indígenas, que foram violentamente incorporados à ordem colonial, sobretudo por meio do aprisionamento ilegal e do trabalho compulsório. A economia amazônica colonial, portanto, combinou extrativismo e agricultura, sustentada fundamentalmente pela exploração da mão de obra indígena, revelando o caráter predatório e desigual da colonização portuguesa.

Ao mesmo tempo, a pressão colonial provocou intensos deslocamentos populacionais e rearranjos territoriais. Povos indígenas, remanescentes de antigas migrações, e africanos escravizados fugitivos formaram quilombos e novas comunidades, dando origem a uma Amazônia marcada pela diversidade étnica e linguística. Longe de uma organização homogênea ou centralizada, essas populações construíram modos de vida baseados na sobrevivência, na adaptação ao ambiente e na autonomia relativa de aldeias e comunidades, configurando um verdadeiro mosaico social e cultural. Outro aspecto fundamental para a compreensão da história amazônica é o papel do imaginário europeu. Os cronistas e viajantes do século XVI e posteriores interpretaram a região a partir de seus próprios referenciais culturais, religiosos e simbólicos. Ao projetarem mitos, imagens bíblicas e concepções europeias sobre o território, contribuíram para a construção de representações fantasiosas e estereotipadas da Amazônia, frequentemente associadas ao exotismo, ao desconhecido e ao “selvagem”. Essas narrativas tiveram grande impacto na forma como a região passou a ser vista e tratada ao longo do tempo.

Paradoxalmente, apesar da violência da conquista, o conhecimento indígena foi essencial para o sucesso da colonização. Técnicas de agricultura, pesca, caça, uso e conservação de alimentos, além da fabricação de utensílios e meios de transporte, foram fundamentais para a sobrevivência de colonos e missionários em um ambiente desconhecido para os europeus. Esse protagonismo indígena, muitas vezes silenciado pela historiografia tradicional, evidencia que a colonização não foi apenas um processo de imposição, mas também de apropriação de saberes locais. Por fim, ao relacionar essas discussões com o contexto da Belle Époque, percebe-se como visões eurocêntricas de progresso, civilização e modernidade influenciaram a interpretação da Amazônia, reforçando a ideia de atraso, vazio demográfico e ausência de cultura. Essas representações desconsideraram a complexidade histórica, social e cultural da região, legitimando práticas de exploração e marginalização. Refletir criticamente sobre essas narrativas permite questionar estigmas persistentes e reconhecer a Amazônia como um espaço historicamente construído, diverso e dinâmico, cuja trajetória é inseparável das populações que a habitam e das relações globais que a atravessam.

### Questão 01:

**Descritor Língua Portuguesa D1 (Localizar informação explícita).**

A partir de 1616, entraram, nas rotas do Império Português, as “drogas” do Maranhão: o açúcar produzido nos engenhos dos rios Moju, Acará e Itapicuru; o cacau bravo colhido nos sertões em expedições que traziam, além dos

gêneros, indígenas aprisionados ilegalmente e que se tornariam a mão de obra essencial; o cacau manso plantado nas fazendas; o café; o arroz nativo e depois o carolino; os couros dos bois; as madeiras e óleos essenciais da floresta. A Amazônia adentrou na economia-mundo. Essas terras já eram habitadas por indígenas que foram englobados pela nova realidade; passando à colonial e híbrida. Viveram entre o pão e a farinha, entre as sesmarias e as rotas transatlânticas, entre o vinho e a aguardente, entre o extrativismo das drogas e o cultivo das terras, entre o engenho e as câmaras, entre a cidade e as fazendas, entre o sertão e o litoral. (LIMA, João Antônio Fonseca Lacerda; SANTOS, Marília Cunha Imbiriba dos. Sesmarias e sesmeiros: a distribuição e o beneficiamento de terras na Amazônia colonial. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, v. 24, n. 44, (2022), p. 106).

Segundo o fragmento, como se caracterizava a base da produção econômica na região Amazônica no período da colonização e qual foi a principal consequência para as populações indígenas?

A) A economia era sustentada exclusivamente pelo plantio de café e arroz carolino, o que permitiu uma convivência pacífica e voluntária dos indígenas nas fazendas coloniais.

B) A base econômica consistia no extrativismo das "drogas do sertão" e no cultivo de gêneros como açúcar e cacau, dependendo essencialmente da mão de obra indígena ilegalmente aprisionada em expedições aos sertões.

C) A produção nos engenhos dos rios Moju e Acará utilizava exclusivamente mão de obra assalariada vinda de Portugal, o que evitou o deslocamento e o englobamento dos indígenas pela realidade colonial.

D) O comércio amazônico limitava-se à exportação de couros de bois e óleos essenciais, atividades realizadas de forma autônoma pelos indígenas sem interferência das rotas do Império Português.

E) A Amazônia permaneceu isolada da economia transatlântica até o século XIX, mantendo as terras habitadas por indígenas totalmente preservadas do sistema de sesmarias e engenhos.

**Alternativa A: Incorreta:** "A economia era sustentada exclusivamente pelo plantio de café e arroz carolino..." O texto menciona o café e o arroz, mas afirma que a economia era muito mais diversificada, incluindo o extrativismo (cacau bravo, madeiras, óleos) e a produção de engenho (açúcar nos rios Moju e Acará). Além disso, o texto é enfático ao dizer que os indígenas eram "aprisionados ilegalmente", o que anula qualquer ideia de "convivência pacífica e voluntária".

**Alternativa B: CORRETA** "A base econômica consistia no extrativismo das 'drogas do sertão' e no cultivo de gêneros como açúcar e cacau, dependendo essencialmente da mão de obra indígena ilegalmente aprisionada..."

Esta alternativa sintetiza perfeitamente o fragmento. O texto cita tanto o cultivo (açúcar e cacau manso) quanto o extrativismo (cacau bravo e drogas). A parte final da alternativa confirma o mecanismo de obtenção de trabalhadores: as expedições ao "sertão" (interior da floresta) para capturar indígenas que seriam a "mão de obra essencial" do sistema colonial.

**Alternativa C: Incorreta** "A produção nos engenhos... utilizava exclusivamente mão de obra assalariada vinda de Portugal..." Esta alternativa contradiz a realidade histórica e o texto apresentado.

Portugal não possuía excedente populacional para enviar assalariados para as lavouras da Amazônia. O texto deixa claro que o indígena foi "englobado pela nova realidade" e transformado em mão de obra através do aprisionamento.

**Alternativa D: Incorreta** "O comércio amazônico limitava-se à exportação de couros de bois e óleos essenciais, atividades realizadas de forma autônoma pelos indígenas..." Embora o couro e os óleos fossem produtos citados, eles não eram os únicos. O erro principal aqui é a ideia de "autonomia".

O texto descreve uma "realidade colonial e híbrida", onde os indígenas foram integrados às "rotas do Império Português" e submetidos ao sistema de sesmarias e engenhos, perdendo sua autonomia produtiva original.

**Alternativa E: Incorreta** "A Amazônia permaneceu isolada da economia transatlântica até o século XIX..." O texto afirma categoricamente o contrário: "A Amazônia adentrou na economia-mundo" já a partir de 1616.

O autor descreve a vida dos habitantes entre "as sesmarias e as rotas transatlânticas", mostrando que, desde o século XVII, a região já estava conectada aos mercados europeus através da exportação de açúcar e das drogas do sertão.

## Questão 02:

**Descritor Língua Portuguesa D3 (Inferir sentido da palavra).**

Ao longo dos rios e em torno de suas cabeceiras, populações que ali nasceram, juntamente com os remanescentes das migrações para o interior tinham composto outras nações, agora baseadas em novos territórios. Escravos africanos fugidos dos empreendimentos coloniais haviam também formado seus quilombos nas cachoeiras, acrescentando novas cores ao mosaico de povos da floresta que, por pressão do colonizador, tiveram eles mesmos que colonizar novas terras, expulsando, incorporando ou sendo incorporados pelos antigos moradores. Uma Amazônia de populações multiétnicas e multilinguísticas, vivendo em aldeias semi-autônomas um modo de vida predominantemente de sobrevivência se descortinou aos olhares curiosos dos primeiros viajantes e etnógrafos. (SCHAAN, Denise Pahl. A Amazônia em 1491. **Especiaria**. Cadernos de Ciências Humanas, vols. 11/12 (2008-2009), p. 56).

No trecho acima, a arqueóloga Denise Pahl Schaan, ao analisar a formação da população na Amazônia, a define como "multiétnica e multilinguística", o que pode ser caracterizado como:

- A) Um processo de isolamento geográfico absoluto, onde as populações indígenas e quilombolas evitavam qualquer tipo de contato, preservando suas línguas e costumes originais sem alterações ao longo dos séculos.
- B) O resultado de uma dinâmica histórica complexa, marcada por deslocamentos forçados, fugas e rearranjos territoriais, onde grupos indígenas remanescentes e africanos escravizados criaram novas formas de organização social e ocupação da floresta.
- C) Uma organização política centralizada e governada por um único império indígena que dominava toda a bacia amazônica, facilitando a comunicação entre as diferentes etnias através de uma língua oficial imposta pelo colonizador.
- D) O desaparecimento total das identidades culturais originárias após o primeiro contato com os europeus, resultando em uma população homogênea que adotou integralmente o modo de vida e a língua portuguesa para garantir a sobrevivência.
- E) Uma formação populacional composta exclusivamente por viajantes e etnógrafos europeus, que foram os únicos responsáveis por nomear e organizar as aldeias de sobrevivência encontradas nas cabeceiras dos rios.

Comentário A questão exige que o aluno compreenda a Amazônia não como um vazio demográfico ou uma floresta estática, mas como um mosaico social dinâmico transformado pela pressão colonial. Alternativa A: Incorreta. O texto de Schaen afirma o oposto do isolamento. Ela menciona que os povos tiveram que "colonizar novas terras, expulsando, incorporando ou sendo incorporados". Houve um intenso intercâmbio (conflituoso ou não), e não um isolamento absoluto. Alternativa B: Correta. Esta alternativa traduz o conceito de "mosaico" citado pela autora. Ela destaca que a pressão do colonizador forçou indígenas e negros fugidos (quilombolas) a se deslocarem e se reorganizarem. Esse encontro de diferentes origens em "novos territórios" é o que fundamenta o caráter multiétnico (várias etnias como indígenas e africanos) e multilinguístico (várias línguas) da região. Alternativa C: Incorreta. A autora descreve "aldeias semi-autônomas", indicando uma fragmentação do poder político e autonomia local, e não um império centralizado. Além disso, o colonizador foi o agente de pressão e desarticulação, e não o facilitador da comunicação entre as nações. Alternativa D: Incorreta. O texto fala em "outras nações" e na formação de quilombos, provando a persistência e a reconfiguração das identidades, e não o seu desaparecimento ou homogeneização pela cultura portuguesa. Alternativa E: Incorreta. Os viajantes e etnógrafos são citados apenas como observadores ("olhares curiosos") que chegaram depois que esse mosaico populacional já havia se formado pela dinâmica de resistência e sobrevivência dos próprios povos da floresta.

### Questão 03:

**Descritor Língua Portuguesa D4 (Inferir informação implícita).**

“A partir de conceitos, juízos, símbolos, mitos e valores de sua civilização, os conquistadores, através de suas narrativas – escritas e orais -, transmitiram aos leitores e ouvintes determinadas imagens mentais, que tornavam menos estranhas as novidades dos territórios desbravados. Muitas vezes, essas imagens mentais eram transformadas em imagens formais, isto é, em gravuras, feitas por especialistas que ilustravam folhetins, livros e mapas [...] A região amazônica foi tocada pela primeira vez por europeus em fevereiro de 1500. Comandava a expedição o espanhol Vicente Yáñez Pinzon, cujas caravelas singraram vinte léguas do futuro rio Amazonas. Tal qual um Adão geógrafo, Pinzón – eivado de religiosidade cristã e admiração ante o fenômeno observado – estabeleceu uma curiosa analogia entre a ‘doçura’ da Virgem Maria e o volume das águas doces que avançava no mar, batizando o rio com o nome de *Santa Maria de la Mar Dulce*”.

UGARTE, Auxiliomar. Margens míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI. In: GOMES, Flávio dos Santos; DEL PRIORE, Mary. **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 4-5.

No trecho acima, o historiador amazonense Auxiliomar Ugarte explica o conjunto de narrativas dos cronistas europeus sobre a Amazônia ao longo do séc. XVI. Para esse autor, é correto afirmar que:

- A. Os cronistas em suas narrativas faziam uso de uma notável alteridade, se esforçando em entender a dinâmica do que narravam sem nenhum preconceito.
- B. Os cronistas projetavam para o território amazônico realidades que já conheciam, permeando suas narrativas de imagens bíblicas e fantásticas.
- C. Os cronistas utilizavam como base para suas narrativas apenas aquilo que ouviam das populações locais.
- D. Os primeiros europeus a chegarem no território amazônico foram os portugueses.
- E. Nenhuma das alternativas acima.

A alternativa correta é a B, pois, segundo Auxiliomar Ugarte, os cronistas europeus do século XVI interpretaram a Amazônia a partir de referências culturais próprias, utilizando símbolos, mitos, valores cristãos e imagens fantásticas para tornar o território desconhecido mais familiar ao público europeu. O exemplo de Vicente Yáñez Pinzón, comparado a um “Adão geógrafo” e responsável por batizar o rio com um nome de forte conteúdo religioso, evidencia como o espaço amazônico foi reinterpretado e projetado segundo o imaginário europeu, e não compreendido em seus próprios termos. A alternativa A é incorreta porque o texto não aponta para uma postura de alteridade ou

ausência de preconceitos; ao contrário, revela uma visão eurocêntrica que buscava domesticar o desconhecido. A C também está errada, pois as narrativas não se baseavam exclusivamente nos relatos das populações locais, mas principalmente na bagagem cultural dos próprios cronistas. A D é incorreta porque o texto afirma claramente que os primeiros europeus a chegar à região amazônica foram os espanhóis, liderados por Vicente Yáñez Pinzón. Por fim, a E é descartada justamente porque a alternativa B responde corretamente à interpretação do texto.

#### Questão 04:

Descritor Língua Portuguesa D4 (Inferir informação implícita).

“As formas de abastecimento, montadas pelos missionários na colônia do Norte, foram elaboradas a partir do conhecimento que os indígenas possuíam em relação aos espaços onde se encontravam os gêneros e sua forma de extração. Foram também os indígenas, os responsáveis pela transmissão das práticas de agricultura, pesca, caça, de conhecimentos sobre utilização e conservação de gêneros e ainda da fabricação de cestos, cordas, redes e canoas aos colonos e religiosos do Norte”. (RAVENA, Nirvia; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. A teia de relações entre índios e missionários a complementaridade vital entre o abastecimento e o extrativismo na dinâmica econômica da Amazônia Colonial. **Varia Historia**, vol. 29, nº 50 (2013), p. 395).

Segundo as autoras, o conhecimento indígena é fundamental para o êxito da conquista europeia na Amazônia, notadamente na transmissão de saberes relacionados a:

- A) Técnicas de navegação de longo curso.
- B) Meios de subsistência na região.
- C) Construção de cidades nas margens dos rios.
- D) Uso de vestimentas locais.
- E) Plantação de gêneros trazidos pelos europeus.

A alternativa correta é a B, pois, segundo as autoras, o conhecimento indígena foi essencial para garantir a sobrevivência e o funcionamento da economia na Amazônia Colonial. O texto destaca que os indígenas transmitiram aos colonos e missionários práticas fundamentais como agricultura, pesca, caça, além de saberes sobre utilização, conservação de gêneros naturais e a fabricação de utensílios indispensáveis, como canoas, redes, cestos e cordas. Esses conhecimentos constituem a base dos meios de subsistência em um ambiente inicialmente desconhecido e hostil para os europeus, sendo decisivos para o êxito da ocupação colonial. As demais alternativas estão incorretas porque não correspondem ao foco do texto. A alternativa A refere-se à navegação de longo curso, que era domínio europeu, e não indígena. A C não se sustenta, pois o fragmento não trata da construção de cidades. A D é inadequada, já que o texto não aborda vestimentas, mas sim práticas de sobrevivência e economia. Por fim, a E está errada porque o aprendizado destacado diz respeito aos gêneros locais e às técnicas indígenas, e não à plantação de produtos europeus.

#### 5ª Questão

Descritor Língua Portuguesa D3 (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.)

A *Belle Époque* implica reconhecer linguagens, gostos, atitudes, estéticas, sociabilidades que, construídos em escalas diferenciadas nos espaços hegemônicos da cultura burguesa, reproduziram-se, em escala planetária, também na condição das formas de ser e de agir em tempos que abrigavam o proclamado triunfo do Progresso e da sua homologia, a Civilização.

Fonte: COELHO, Geraldo Mártires. “Na Belém da Belle Époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares”. In: **Escritos** - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 5, número 5, 2011, p. 141.

A partir dessa análise, é correto afirmar que a *Belle Époque*:

- a) representou um período de igualdade social, no qual os benefícios do progresso alcançaram todas as camadas da população.
- b) expressou a valorização do progresso e da civilização, difundindo padrões culturais europeus que influenciaram diferentes sociedades ao redor do mundo.
- c) rejeitou as ideias de modernidade e progresso, priorizando tradições populares e rurais.
- d) limitou-se exclusivamente aos países europeus, sem impacto cultural em outras regiões do planeta.
- e) foi caracterizada pela crítica intensa à cultura burguesa e à noção de civilização.

A alternativa correta é a letra b, pois a *Belle Époque* esteve associada à valorização do progresso e da civilização, difundindo em escala mundial os padrões culturais, estéticos e de sociabilidade da cultura burguesa europeia. A alternativa a está incorreta porque esse período não foi marcado pela igualdade social, já que os benefícios do progresso atingiram principalmente as elites, mantendo fortes desigualdades. A alternativa c está incorreta porque

a *Belle Époque* exaltou a modernidade, a ciência e a técnica, e não a rejeição dessas ideias em favor de tradições rurais ou populares. A alternativa d está incorreta porque, apesar de ter origem europeia, a *Belle Époque* influenciou comportamentos e modos de vida em várias partes do mundo. Por fim, a alternativa e está incorreta porque o período celebrou a cultura burguesa e a noção de civilização, em vez de desenvolver uma crítica a esses valores.

**6ª Questão**

**Descritor Língua Portuguesa D1 (Localizar informação explícita.).**

Sabe-se que em comum essas visões sobre a Amazônia ratificaram a ideia de uma natureza que se sobrepõe à atividade humana, ou seja, a ideia de grande vazio demográfico, região sem cultura, sem civilização. Quando muito, algumas expressões culturais e fenômenos socioeconômicos regionais foram apreciados para se enfatizar o estigma de selvagem, bárbaro, atrasado, associado ao lugar. (LIMA, Carla Oliveira de. *Historiografia social da Amazônia e história ambiental: um breve balanço. Revista do LHISTE-Laboratório de Ensino de História e Educação*, v. 4, n. 6, 2017, p. 91).

O texto apresenta uma visão recorrente sobre a Amazônia construída ao longo do tempo. A partir dessa perspectiva, é correto afirmar que essas interpretações:

- a) reconheceram a Amazônia como uma região densamente povoada, marcada por grande diversidade cultural e histórica.
- b) valorizaram as sociedades amazônicas como modelos avançados de civilização e desenvolvimento social.
- c) reforçaram estereótipos ao apresentar a Amazônia como um espaço vazio, dominado pela natureza e desprovido de cultura e ação humana significativa.
- d) destacaram a integração equilibrada entre natureza e sociedade, enfatizando o protagonismo das populações locais.
- e) romperam com visões preconceituosas, promovendo uma análise crítica e científica da realidade amazônica.

A alternativa correta é a letra c, pois o texto aponta que essas visões sobre a Amazônia reforçaram a ideia de um grande vazio demográfico e de uma região sem cultura ou civilização, dominada pela natureza e associada a estigmas como atraso, barbárie e selvageria. A alternativa a está incorreta porque o texto indica justamente a negação da diversidade populacional e cultural da região. A alternativa b está incorreta porque essas interpretações não valorizaram as sociedades amazônicas, mas as desqualificaram. A alternativa d está incorreta porque não houve reconhecimento do protagonismo humano ou da integração equilibrada entre sociedade e natureza. Por fim, a alternativa e está incorreta porque essas visões não romperam com preconceitos, mas os reforçaram.

**QUADRO ORGANIZADOR**

**SEMANA 8  
HABILIDADES E DESCRITORES UTILIZADOS NOS ITENS SEMANA 8**

Questão	Habilidade de Ciências Humanas (BNCC)	Descritores prioritários acionados		Gabarito
		Língua Portuguesa	Matemática	
01	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D1</b> (Localizar informação explícita).		B
02	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma		B

	populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	palavra ou expressão).		
03	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D4</b> (Inferir informação implícita).		B
04	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D4</b> (Inferir informação implícita).		B
05	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo	<b>D3</b> (Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.).		B

	a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.			
06	<b>Habilidade BNCC - EM13CHS201</b> - Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	<b>D1</b> (Localizar informação explícita.).		C

## Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Uduisc, 2007.
- ALMEIDA, P. R. Os imperialismos europeus e o impacto econômico das guerras globais do século XX. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, [S.l.], 2015.
- ARRUDA, José J. de; PILETTI, Nelson. **Toda a história**. São Paulo: Ática, 1996.
- BARROS, J. D. Fontes históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ – HISTÓRIA E PARCERIAS, 2019, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2019.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. **Escritos - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, ano 5, n. 5, p. 141, 2011.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Brasil: pré-história e história**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- FURET, François. **Pensando a revolução francesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GOUGES, Olympe de. **Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã**. Portal UFMS. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/DeclaraDirMulherCidada1791RecDidaPESSOALJNETO.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. 3. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999.
- KIRSCHNER, T. C. **Itinerários de um ilustrado luso-brasileiro**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LIMA, Carla Oliveira de. Historiografia social da Amazônia e história ambiental: um breve balanço. **Revista do LHIESTE-Laboratório de Ensino de História e Educação**, v. 4, n. 6, p. 91, 2017.
- LIMA, João Antônio Fonseca Lacerda; SANTOS, Marília Cunha Imbiriba dos. Sesmarias e sesmeiros: a distribuição e o beneficiamento de terras na Amazônia colonial. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, v. 24, n. 44, p. 106, 2022.
- MARX, Karl. **O Capital**, Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. Lisboa: Antígona, 2014.
- OLIVEIRA, Matusalém Alves; SALES, Matheus Gleydson do Nascimento (Org.). **Diálogos sobre pré-história [recurso eletrônico]: mente, cultura e sociedade**. 1. ed. Campina Grande: Editora Antropus, 2022.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21. ed. 6. reimpr. São Paulo: Contexto, 2022.
- PINSKY, Jaime. Introdução. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História da Cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- RAVENA, Nirvia; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. A teia de relações entre índios e missionários a complementaridade vital entre o abastecimento e o extrativismo na dinâmica econômica da Amazônia Colonial. **Varia Historia**, v. 29, n. 50, p. 395, 2013.
- REIS, José Carlos. **História & Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ROTAS da escravidão. **Geledés**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/rotas-da-escravidao/>. Acesso em: 07 abr. 2024.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHAAN, Denise Pahl. A Amazônia em 1491. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 11/12, p. 56, 2008-2009.
- UGARTE, Auxiliomar. Margens míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI. In: GOMES, Flávio dos Santos; DEL PRIORE, Mary. **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- WOLFF, F. Quem é bárbaro? In: NOVAES, A. (org.). **Civilização e barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.









GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

SECRETARIA DE  
**EDUCAÇÃO**